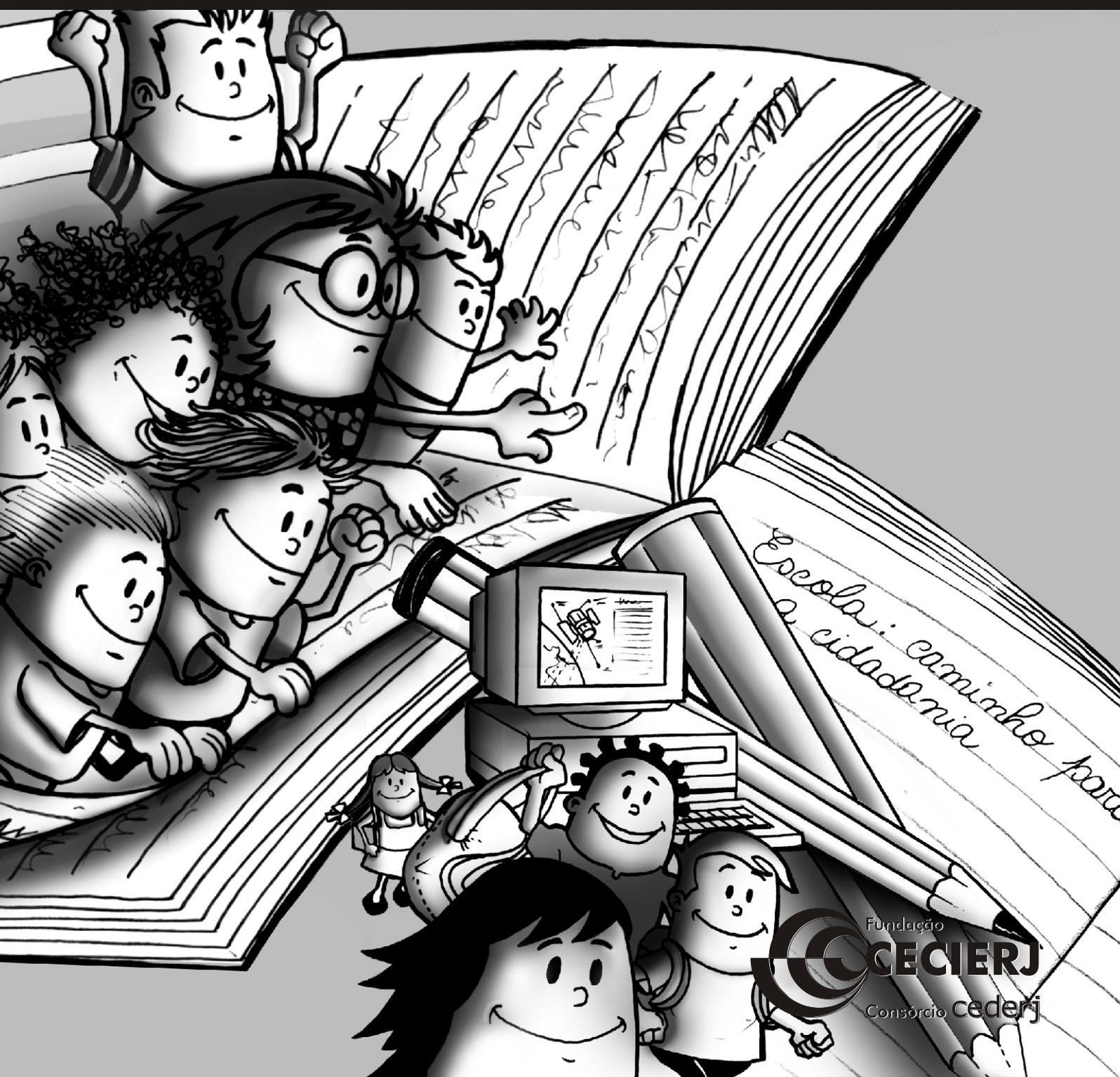


Janete de O. Elias
Joy Costa Mattos

Volume único

Prática de Ensino 1





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Prática de Ensino 1

Volume único

Janete de O. Elias

Joy Costa Mattos



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação



Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Rosana de Oliveira

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Janete de O. Elias

Joy Costa Mattos

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Márcia Elisa Rendeiro

Ana Tereza de Andrade

Nilce P. Rangel Del Rio

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jane Castellani

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Kátia Ferreira dos Santos

Sandra Valéria F. de Oliveira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Cristiane Matos Guimarães

Ronaldo d'Aguiar Silva

ILUSTRAÇÃO

Eduardo Bordoni

CAPA

Eduardo Bordoni

PRODUÇÃO GRÁFICA

Oséias Ferraz

Patrícia Seabra

Verônica Paranhos

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

E42p

Elias, Janete de O.

Prática de ensino 1. volume único / Janete de O. Elias.

– Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

155p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN 85-89200-62-0

1. Prática de Ensino. 2. Produção docente. I. Mattos, Joy Costa. I. Título.

CDD: 370.71

2010.2/2011.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieiralves

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Aula 1	– Novos desafios para a Prática	7
Aula 2	– Os caminhos do saber: o saber-fazer e o saber-dizer	15
Aula 3	– Dimensão socioantropológica da Prática de Ensino: vida e complexidade	25
Aula 4	– Dimensão socioantropológica da Prática de Ensino: contextualização reflexiva	33
Aula 5	– Novas concepções das práticas educacionais num mundo de relações e identidades	41
Aula 6	– Ensinar e aprender... Um exercício de múltiplos saberes?	53
Aula 7	– Espaço de ensinar, tempo de aprender	63
Aula 8	– Visibilidade da Prática de Ensino – saberes que se cruzam. Onde? Quando? Como?	71
Aula 9	– Visibilidade da Prática de Ensino – fazeres que se entrecruzam. Como? Por quê? Para quem?	79
Aula 10	– Caracterização dos instrumentos da Prática de Ensino – a sala de aula conectada com a realidade: um encontro possível	87
Aula 11	– A sala de aula conectada à realidade: evidências pedagógicas	97
Aula 12	– Caracterização dos instrumentos da Prática de Ensino: o poder da leitura	107
Aula 13	– Alternativas da Prática de Ensino no cotidiano escolar	117
Aula 14	– Possibilidades e limites da produção docente-discente	127
Aula 15	– Produtos e resultados da Prática de Ensino	139
Referências		149

Novos desafios para a Prática

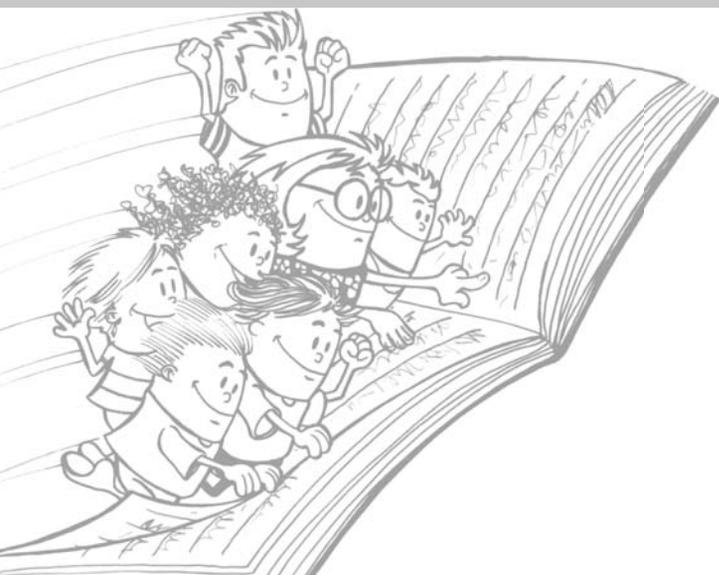
objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

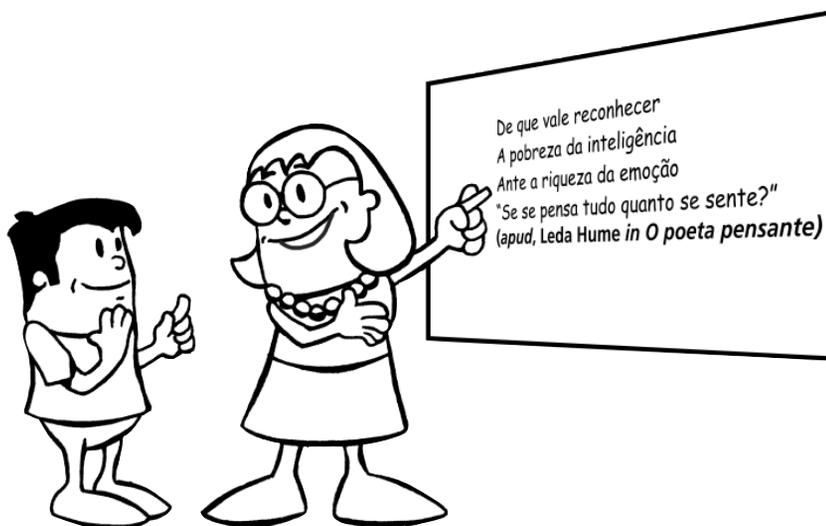
- Conceituar a prática de ensino, observando, na sociedade, novos paradigmas que trazem implícitos novos conteúdos e metodologias específicas.

Pré-requisitos

Leitura do guia da disciplina.
Análise do quadro temático.



INTRODUÇÃO



A PANORÂMICA DA PRÁTICA DE ENSINO



PORTFÓLIO

Relatório, dossiê, catálogo são modernas técnicas de seleção e classificação de “documentos”, organizados e separados como: textos teóricos e textos imagéticos, referentes a um tema pedagógico. Essas técnicas possibilitam, por sua seleção, análise e crítica, a construção permanente de seu saber pedagógico.

SABERES PEDAGÓGICOS

Conhecimentos específicos necessários à prática docente.

SABERES DA EXPERIÊNCIA

Conhecimentos acumulados no exercício da prática docente.

Todos nós presenciamos as mudanças da sociedade em suas formas de se organizar, de produzir bens e comercializá-los, de se divertir, de ensinar e de aprender.

As práticas de ensino tradicionalmente conhecidas não encontram espaço estimulador num ambiente de múltiplos apelos e de exacerbação da violência, da massificação e da alienação no processo acelerado que a sociedade apresenta hoje.

Tanto nós, quanto vocês, professores, temos a sensação clara de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas e, neste momento, queremos demonstrar isto.

Ainda que a distância, procuraremos, aqui, desempenhar a complexa tarefa de aproximá-los de nós, a fim de, juntos, tentarmos buscar uma diretriz que possibilite algumas mudanças no processo educacional.

É certo que cada um de nós encontra em sua própria prática soluções metodológicas correspondentes às reflexões anteriores. No entanto, uma prática articulada coletivamente, como expressão cooperativa das identidades de cada professor, e o respeito a suas subjetividades, ainda não se fez divulgada. Entretanto, as modernas técnicas do **PORTFÓLIO, relatório, dossiê, catálogo, almanaque** indicam apenas um caminho possível para a reflexão-articulação e a construção desta nova prática docente. Prática esta que se agrega às práticas pedagógicas e exige práticas de ensino em conteúdos específicos, que revelem os **SABERES PEDAGÓGICOS** e os **SABERES DA EXPERIÊNCIA**, tecnicamente comprovados.

Ensinar/Educar é participar de um processo, em parte previsível e em parte aleatório ou imprevisível, porque a educação é feita pela própria vida, pela reelaboração mental-emocional das experiências individuais. É a própria forma de viver que nos possibilita a **APRENDIZAGEM**, pelas atitudes básicas diante da vida e de nós mesmos. **Quanto mais avançamos em idade, mais claramente nos revelamos em aprendizagens que configuram o tipo de pessoa em que nos transformamos. Torna-se um processo previsível, se entendermos que ensinar é um ato contínuo, inserido em cada cultura, respeitando normas, tradições e leis oriundas da sociedade que ensina.**

As instituições aprendem e ensinam, tanto quanto professores ensinam e aprendem. **Ensinar** depende rigorosamente do preparo técnico do professor, que saberá interferir, ajudar a apontar caminhos de aprendizagem. O docente deve ser preparado **ÉTICA**, emocional, intelectual e profissionalmente, em circunstâncias favoráveis a uma relação efetiva com os alunos, como na situação percebida e configurada na apropriação dos conteúdos inerentes à presente **PRÁTICA DE ENSINO**.

Nosso desafio é caminhar para uma educação e um ensino que integrem todas as dimensões do ser humano. Para isto, precisamos de profissionais que façam essa integração em si mesmos, observando os aspectos sensoriais, intelectuais e tecnológicos e que expressem, em suas palavras e ações, as mudanças que estão realizando e os avanços que têm conseguido.

Neste momento, nos transportamos a Thiago de Mello:

Não, não tenho caminho novo.

O que tenho de novo

É o jeito de caminhar.

(CENPEC, 1994, p. 15)

É com este jeito de caminhar que se faz a Prática de Ensino (quer dizer, da forma como entendemos que deva ser a Prática de Ensino neste curso). Trata-se de **reordenar a experiência que cada um de nós possui, introduzindo uma nova racionalidade**, indo além dos pressupostos, dos preconceitos e dos estereótipos que se apresentam em cada cultura. É preciso reconhecer diferentes obstáculos e entraves pedagógicos que nos impedem de compreender e de realizar um novo conhecimento e questionar nossas concepções relativas às teorias anteriormente construídas.



APRENDIZAGEM

Entendemos como aprendizagem as mudanças que o aluno apresenta em seu modo de pensar, sentir e agir.

ÉTICA

Conjunto de regras de conduta consideradas universalmente válidas (Japiassú, 1996, p. 93)

A PRÁTICA DE ENSINO

deve ser: interativa, participativa, autêntica e produtiva.





PRÁTICA COTIDIANA

O fazer constante do professor.

PRÁXIS

Reflexão crítica de sua atuação diária.

PRÁTICA PEDAGÓGICA

As ações entendidas como educativas.

O momento político-social que hoje enfrentamos no Brasil nos apresenta questões de fundo como: quais conteúdos estão sendo veiculados na prática de ensino que indicam promover o tipo de sociedade que desejamos? Quais práticas pedagógicas vêm sendo desenvolvidas, para que o professor possa fazer uma análise reflexiva sobre as reformas educacionais que vêm sendo propostas? Em que medida a **PRÁTICA COTIDIANA**, enquanto **PRÁXIS**, tem proporcionado reais condições de reflexão?

A **PRÁTICA PEDAGÓGICA** tem observado a proposta dialógica apenas no discurso, sem que esta se revele nas **ações de sala de aula**. Será que a multiplicidade de diálogos que se abre nos obriga a desvendar novas informações nos conteúdos pedagógicos?

AMPLIANDO ESPAÇOS NA PRÁTICA DE ENSINO

Sempre há o que aprender ouvindo, vivendo e sobretudo trabalhando, mas só aprende quem se dispõe a rever suas certezas.

(Darcy Ribeiro)



Entender a Prática de Ensino como disciplina integradora do currículo escolar em sua forma de política cultural demanda alçar as categorias sociais, culturais, políticas e econômicas à condição de categorias básicas para a compreensão da escola atual e de suas possibilidades de mudança.

Para melhor apreensão desta nossa abordagem da prática de ensino, precisamos destacar que **conhecimento e poder** se associam para atribuir um princípio ideológico à forma e ao conteúdo do conhecimento curricular. Num segundo momento, precisamos entender como a escola recebe, legitima ou rejeita as experiências e os saberes dos alunos e como estes se submetem às normas escolares e aos demais processos de resistência.

Leitura complementar

Para aprofundar sua reflexão sobre as definições de conhecimento e poder seria interessante você verificar o material da disciplina Fundamentos da Educação 1. Lá trabalhou-se também estas categorias.



A sociedade, neste início de século, tem vivido transformações em ritmo acelerado, atingindo também a Educação e demais ciências em evolução. Transformou-se a idéia que se tinha de conhecimento, de criança, de ensino, de escola, de métodos. Tudo precisou evoluir, procurando acompanhar este “movimento”, este novo ritmo de vida.

Nosso aluno formula hipóteses sobre seu mundo quando desenvolve função simbólica, cria imagens, idéias e linguagens para representar fatos e expressar sentimentos.



Tais mudanças aceleradas, devidas, em grande parte, à alta tecnologia, apresentam condições desafiadoras diariamente. Os meios de comunicação descortinam o universo, com toda a sua complexidade e formulam, a seu jeito, interpretações do mundo.

Para acompanhar a história dos tempos, a prática de ensino precisa também se atualizar. Assim pensada, reveste-se de uma intencionalidade que busca trazer ao cotidiano dos alunos elementos essenciais à vida atual, contidos em diferentes espaços, em diversas linguagens, entendendo a escola como um **LÓCUS** prazeroso que permite o acesso aos **objetos sociais de conhecimento**.

A prática de ensino, neste curso, tem seu foco voltado para a construção da autonomia, da cooperação, da atuação crítica e criativa de seus alunos, numa prática pedagógica que ofereça espaço para a construção de conhecimentos – espaço de aprendizagem em múltiplas dimensões.

MAS, COMO ENSINAR? UM DESAFIO CONSTANTE

Quando falamos em prática do ensino, estamos nos referindo a um professor que precisa ser sujeito de seu fazer pedagógico, capaz de estabelecer uma **AÇÃO PRÁTICO-REFLEXIVA** no seu cotidiano profissional.

Sem a curiosidade que move, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.

(Paulo Freire, 1998, p. 40)



LÓCUS

Lugar de observação usado em linguagem de pesquisa.

AÇÃO PRÁTICO-REFLEXIVA

Entendemos por ação prático-reflexiva a ação do educador curioso, investigador, ousado e criativo, mediador de suas conquistas, chave mestra de seus novos desafios.

A organização destas questões nos traz alguns desafios e muitas reflexões.

Pensar e viver a diversidade do mundo, perpassado por tantas inovações tecnológicas e incessantes descobertas, exige de nós um diálogo com este novo mundo e com outros mundos a serem contemplados nas diversas esferas da vida social.



PALAVRA-CHAVE

Mosaico social.

Trabalhar politicamente para que diversas vozes integrem este **mosaico social** é tarefa que nos cabe, professores de Prática de Ensino e professores em sua prática cotidiana.

A formação e o trabalho docente precisam de um compromisso ético para a construção de uma nova sociedade mais justa e feliz, envolvendo a diversidade de sujeitos, de grupos, de relatos e de recursos em diferentes linguagens em múltiplas culturas.



SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

Textos científicos que se referem a sua prática pedagógica.

Neste primeiro momento, tivemos a preocupação de tangenciar diferentes conteúdos abordados nas demais disciplinas de seu curso. Isto pode demonstrar um bloco de informações extremamente denso, porém necessários à visualização do cenário em que vivemos atualmente, que nos possibilita um exercício prático, relativo à ampliação de seu **olhar pedagógico**.

RESUMO

A sociedade atual caracteriza-se pela alta tecnologia e pelas mudanças aceleradas. Nós, professores, convivemos cotidianamente com estas realidades, principalmente quando estamos em sala de aula.

Neste sentido, vale relembrar:

- As Práticas de Ensino também precisam se atualizar.
- As Práticas de Ensino exigem conteúdos específicos.
- As Práticas de Ensino consideram que o ato de ensinar é um ato contínuo, inserido em cada cultura.
- As Práticas de Ensino possibilitam ao professor a apropriação dos conteúdos inerentes a sua formação que se deseja reflexiva, dialógica, integradora.
- A Prática de Ensino, nesta nova abordagem, é entendida como elemento integrador do currículo escolar e propõe, através da compreensão das diferentes categorias sociais, culturais, políticas e econômicas, a compreensão da escola atual e sua possibilidade de mudança.

EXERCÍCIO



Organize um pequeno fichário, a partir das leituras já realizadas cotidianamente e na disciplina Fundamentos da Educação 1, observando os assuntos que constituem este **mosaico social** ao qual nos referimos nesta aula.

AUTO-AVALIAÇÃO



Esta é a 1ª aula. Um bom começo será refletir e escolher pequenos textos sobre as questões apresentadas a seguir e que esperamos possam apoiar e sustentar sua prática pedagógica.

- Para que serve a Escola?
- Qual a sua função social?
- De que forma a Escola vem cumprindo seu papel?
- Quem são os meus alunos?
- Que experiências e conhecimentos têm?
- Que professores desejamos para nossa sociedade?

Leitura complementar

Pedagogia da autonomia, de Paulo Freire.



AGENDA DIDÁTICA

Aula 1 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Os caminhos do saber: o saber-fazer e o saber-dizer

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Utilizar a prática de ensino como ponto de referência para a ampliação do conhecimento.
- Transformar a ação pedagógica com base no conhecimento de diferentes teorias.

Pré-requisito

Para melhor compreender esta aula, recorde a fundamentação teórica da aula anterior a partir da auto-avaliação.



INTRODUÇÃO

“...ser feiteiro da palavra,
estudar a alquimia do coração humano...”

(Guimarães Rosa, *in Rubem Alves*, 1995, p. 63)

As atividades aqui propostas para orientá-lo na busca de novos caminhos em seu saber-fazer são:

- leitura e reflexão dos lembretes relacionados;
- revisão dos textos já trabalhados em outras disciplinas deste curso;
- exercícios propostos no final da aula.

ENSINAR: VALE A PENA?

A questão central da Prática de Ensino – ensinar e aprender – tem sua chave-mestra no professor. Exige-se de todo educador preparo profissional que responda sobre “o saber e o saber-fazer”.

Para que se realize a **formação profissional** desejada, é indispensável consciência política, percepção de outras leituras do mundo, e uso da **memória** para construir o próprio discurso. Você deve ser o **agente** de sua própria história, autor de sua própria prática.

Imaginamos suas expectativas a respeito deste curso, assim como suas freqüentes indagações sobre **ensinar e aprender, aprender e ensinar e aprender a aprender**.

Certamente, você já descobriu a relação existente na expressão comumente repetida nas salas de aula dos cursos que você já freqüentou antes deste e que resumem um certo conteúdo programático:

**Ensinar a aprender,
aprender a ensinar,
aprender a aprender,
ensinar a ensinar.**

E assim se define um campo de estudos entre a Didática e a atividade educativa: a Prática de Ensino.



O “jogo de palavras” nos mostra uma **dimensão relacional** entre as ações de ensinar e aprender e nos levam a fazer seis perguntas geradoras de saber:

- 1- O que ensinar e aprender?
- 2- Quando ensinar e aprender?
- 3- Onde ensinar e aprender?
- 4- Quem vai ensinar e aprender?
- 5- Como ensinar e aprender?
- 6- Por que e para que ensinar e aprender?

A primeira pergunta – o **quê?** – refere-se a um conteúdo, a um conhecimento que tem um valor, uma necessidade circunstancial e temporal. Assim, vejamos:

colocar o ouvido próximo ao chão para saber a distância e o tempo que o trem levará para chegar a um local determinado não é um aprendizado necessário para crianças de uma escola urbana. Entretanto, saber usar um relógio, conhecer um sistema de medidas, estabelecer a relação entre espaço, tempo e velocidade são conhecimentos que diariamente colocamos em prática para resolver um problema que em outra cultura se resolve de forma mais simples.

Pensando nisto, selecionamos algumas indagações comuns na atividade de professor. A partir das idéias que estas indagações sugerem, procuramos explicitar seu significado e definir objetivos, utilizando as experiências referendadas por fatos de nossa realidade educacional.

PROFESSOR PENSANDO ALTO FALA O QUE SENTE!

“Pretendo com este curso, aprender como lidar com as dificuldades dos meus alunos.”

ou

“Estou cansada de ler, ouvir, analisar. Eu preciso de alguém que me diga o que devo fazer em sala de aula.”

ou

Quantas outras falas você poderia redigir em continuidade às sugeridas neste momento?

Anote **uma** opção que expresse o que você deseja alcançar neste curso.



Professor, suas atividades de sala de aula são **interessantes e significativas**. Faça com que seus alunos percebam isto.

Estes aspectos, quando trabalhados em sala de aula, caracterizam um professor com liderança no processo de ensino.

Você já deve ter percebido, no seu dia-a-dia escolar, o quanto é difícil “convencer” o aluno simplesmente falando. É preciso, de sua parte, um comportamento, uma postura, **uma ação significativa e vital que reforce e realce aquilo que você diz e que deve ser compreendido pelo aluno**.

Nossa experiência em sala de aula aponta alguns caminhos que se desdobram em **atalhos** que levam à **interação**.

- Procure conhecer seus alunos.
- Mostre, constantemente, que são parceiros no ensinar e no aprender.
- Sente-se ao lado deles e verifique quais os que precisam de maior apoio.



O bom professor procura ver o problema do aluno. Neste caso, o saber torna-se tão importante quanto o fazer e o dizer.

Conhecer as **experiências** dos alunos, seus interesses, habilidades, necessidades e sobretudo seu atual nível de conhecimento do **conteúdo** a ser ensinado é indispensável ao professor.

O conteúdo não deve ser nossa única preocupação. Ele existe para ensinar aos alunos o ponto de partida para sua reflexão sobre a vida.

É preciso que você tenha sempre presente esta realidade que nos leva a culpabilizar os professores que nos antecederam pelo que o aluno não aprendeu na etapa anterior.

"Será que preciso mesmo disto, deste Curso?"

ou

"Será que preciso ser um professor subserviente, obediente, disciplinado para ser um bom professor?"

ou

"Será que preciso ser um professor/educador comprometido com minha prática?"

Quantas perguntas, quantas questões que só têm sentido no trabalho conjunto que estamos fazendo – nós e você.

Freqüente com assiduidade o seu pólo e leve suas (seus):

- questões
- experiências
- saberes em discussão



Professor, como você sabe, acredita-se que **quem muda a educação é o professor em seu cotidiano**. Por isso, nossa proposta nesta disciplina implica na redefinição da ação pedagógica na sala de aula. Os objetivos que se pretende são:

- ter um educador comprometido com sua prática;
- gerar novas práticas, novas abordagens, que não sejam utilizadas aleatoriamente.

O **professor que esperamos** deve ser o agente de **INTERATIVIDADE** e simultaneamente ser o **gerente do processo de reconstrução do conhecimento** na sala de aula. Ele precisa, portanto, saber quando e como intervir em sua prática docente.



PALAVRAS-CHAVE

Interação, experiência, conteúdo.



INTERATIVIDADE

Ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais pessoas.



Sabemos também que modificar a prática dos professores não significa anular ou rejeitar de uma vez tudo que já faz parte de sua experiência escolar. Ao contrário, queremos valorizar sua história, reconhecendo os alicerces aí existentes.

Nos últimos anos, pesquisas em nossa área têm surgido trazendo conhecimentos que reorientam a prática pedagógica. Esta prática, alimentada por estudos e pesquisas de psicologia da aprendizagem e de didática, dentre outros, oferece fundamentos para nossa discussão sobre várias questões que têm seu foco em nossa escola.

As pesquisas científicas contemporâneas nos permitem ter uma melhor compreensão dos fenômenos educacionais.

Professor, procuramos explicitar, nesta segunda aula, que apostamos em sua formação, pois acreditamos na possibilidade da interação.



A reflexão teórica em outras disciplinas o auxiliará na melhor compreensão do processo ensino-aprendizagem, possibilitando o alcance de novas estratégias que conduzem ao sucesso sua ação pedagógica.

Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.

(Paulo Freire)



RESUMO

- Todo professor deve buscar preparo profissional que responda sobre "o saber" e "o fazer".
- Toda prática de ensino tem como questão central "o ensinar e aprender" na dimensão em que ela se relaciona.
- Todo professor deve ser o agente de sua própria história, autor de sua própria prática.
- Todo conteúdo de ensino tem um valor circunstancial, temporal e por isso, não pode ser a única preocupação do professor.
- Todo professor precisa que suas atividades de aula sejam interessantes, significativas, caracterizando sua liderança na relação ensinar e aprender.
- Todo bom professor procura conhecer seus alunos: base do processo ensinar e aprender.
- Todo professor pode transformar-se num educador comprometido com sua prática, ser agente de interatividade e gerente do processo de reconstrução do conhecimento em sala de aula, ou seja, deve ser aquele que sabe "quando" e "como" intervir em sua prática docente.

EXERCÍCIO

Identifique em sua prática de sala de aula três momentos que considere mais significativos onde as relações interativas se fizeram presentes. Registre e guarde essas anotações.

AUTO-AVALIAÇÃO



Quando o professor não se coloca por inteiro no processo ensinar e aprender, pode ter a sensação de fracasso, pois o constante "dar aula" torna-se um ato sem significado e rotineiro.

Pense sobre as situações vivenciadas nesta aula, no constante ensinar e aprender, onde estas relações interativas se fazem presente. Reflita sobre elas, discuta com seus colegas a relação entre o que você aprendeu e as transformações possíveis em sua sala de aula.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA



A próxima aula levará você a perceber a amplitude do seu espaço pedagógico através da interação das diferentes culturas que professores e alunos representam.

Leitura complementar

Conversas com quem gosta de ensinar, de Rubem Alves.



AGENDA DIDÁTICA

Aula 2 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Dimensão socioantropológica da Prática de Ensino: vida e complexidade

AULA 3

objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

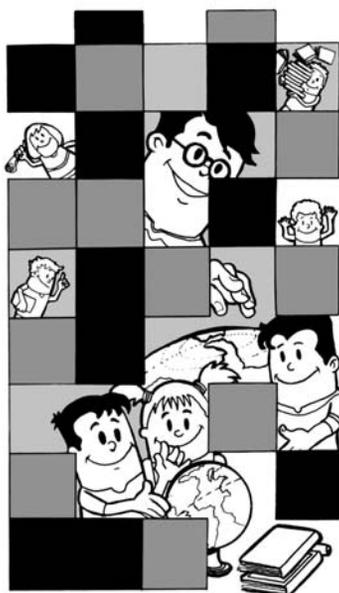
- Construir socialmente uma prática de ensino que permita a interação dos diferentes conteúdos curriculares verificados na prática pedagógica.

Pré-requisito

Para prosseguir esta aula você deve ter identificado as relações interativas que se fazem presentes na sala de aula e constroem significados pela ação recíproca entre professor e aluno.



INTRODUÇÃO



... a reflexão é didática: o pensamento do indivíduo se forma por um contexto social e cultural, e estes, por sua vez, são configurados pelo pensamento e ação dos indivíduos.

(Alarcão, 2001, *apud* Kemmus, 1999, p. 98)

Apontamos, na aula anterior, o desafio para um ensino e uma educação que integram as várias **dimensões** do ser humano em suas diferentes **culturas**, grupos e **identidades**.

Veremos nesta e na próxima aula como isto pode acontecer.

A FUNÇÃO SOCIAL DA PRÁTICA DE ENSINO

O tema proposto é muito instigante e desafiador, pois envolve a formação de conceitos e de um conteúdo complexo que ainda está em construção pelos diferentes autores e pesquisadores em educação. Portanto, há um espaço aberto às discussões entre professores e especialistas, na busca de novas configurações, que permitam refletir sobre os múltiplos saberes e as resistências às proposições de mudança no pensamento pedagógico e nas **PRÁTICAS INSTITUCIONAIS**.

As funções sociais e políticas da escola que se pretende reflexiva existem em um determinado momento histórico, de acordo com o contexto geográfico e econômico em que a escola se insere.

Em tais condições, torna-se difícil contextualizar os saberes de modo a se tornarem multidimensionais e impensáveis sem a complexidade que extrapola os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento irresponsável do saber.

Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimentos escapa ao controle humano. O produto do trabalho se apresenta muito “picotado” face às diversas áreas do conhecimento e, não raro, encontra-se ao “sabor do desejo” de outros com os quais estabelecemos relações.

Isto nos leva a perceber a **complexidade das relações vividas** e reconhecidas cotidianamente no interior da escola que são refletidas em seu projeto político-pedagógico-curricular.



PRÁTICAS INSTITUCIONAIS

Ações observáveis cotidianamente nas Escola, no Estado, nas Empresas, nas Famílias e outros grupos.

Sabemos o quão frequentemente nos encontramos atados a conceitos e preconceitos, informações divergentes e falas alheias trazendo incompatibilidades às diferentes propostas constantes na organização do processo educacional.

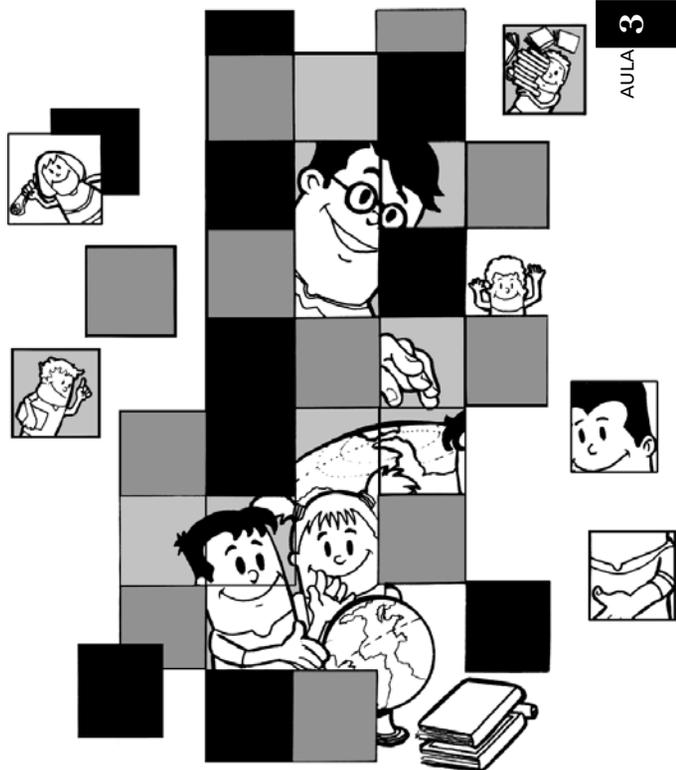
São diferentes teorias culturais, diferentes personalidades que se formam na família, na igreja, na vizinhança, na empresa... e nos demais grupos aos quais estamos inseridos, além da Escola.

Ao considerar a escola em sua dimensão socioantropológica, ao estabelecer relações entre a escola e as demais instituições, reconhecemos que a vida escolar se torna mais complexa. O acesso ao saber intelectual define-se no “espaço da escola” tecendo “laços” de solidariedade para amenizar as situações conflitivas de nossa existência.

Aprofundar nossos conhecimentos sobre as diferentes instituições sociais, identificando as concepções prévias, os condicionamentos, bem como os preconceitos que se formam no cotidiano e que se confrontam com a realidade, como um sistema de contradições em movimento, implica, necessariamente, em compreender o conjunto dessas profundas contradições, visíveis cotidianamente, onde aflora o “mundo do diferente”.

Assim o desafio e o convite de **MORIN** para a realização de uma reforma do pensamento – por intermédio da complexidade – tanto pode ser lida sob ponto de vista da ruptura do paradigma das ciências humanas, como uma nova proposição epistemológica, quanto como uma utopia político-social.

(Pena Vega A. e Almeida, 1999, p. 13)



EDGAR MORIN

Sociólogo, nascido a 8 de julho de 1921, em Paris, França.

Desenvolve, em suas teorias, o pensamento complexo, conduzindo o professor à revisão das práticas pedagógicas da atualidade.

Para sistematizar as possibilidades de aproximação entre a comunidade e a escola de forma a poder construir um currículo que permita a interação dos diferentes saberes culturais, precisamos:

- revelar nas práticas educativas as **representações sociais** que atingem o processo educacional por inteiro;
- mostrar um conhecimento crítico da vida cotidiana que considere a **realidade social** como o espaço no qual se concretizam as transformações da ação humana;
- conceber a complexidade da escola como organização de aprendizagem e, também, como **organização na qual se aprende**, por ser um local onde se reproduzem as relações sociais e políticas do momento histórico vivenciado.
- tomar a **escola como instituição de liderança** que deve ocupar um lugar privilegiado no espaço social de maior transformação;
- valorizar a **sala de aula** nas diferentes oportunidades que lhes são propiciadas a fim de transformar o legal, o instituído, o tradicional-hierárquico, arriscando nas incertezas de suas criações inovadoras um novo caminho investigativo.

Após essa releitura, você é solicitado a fazer outras reflexões e nisto poderá ser ajudado reunindo-se a outros professores, integrantes das reuniões desenvolvidas em sua escola. Participe! Faça anotações.

Procure “brincar de memória” e busque nos jornais guardados, nas revistas, nas letras de músicas e nos livros os fatos que mostrem a complexidade das relações na escola.



Dos estudos psicológicos, sociológicos, lingüísticos, matemáticos, dentre outros, realizados por você no decorrer da vida até hoje, muitas informações foram assimiladas, gravadas e/ou descartadas. Entretanto, diariamente, como se magia fosse, continuando a viver, manifestamos idéias, mantemos ideologias e reformulamos obras. Assim, carregamos em nossa trajetória os amigos e, também, os inimigos, os companheiros, parceiros e, muito respeitosamente ou não, nossos opositores. É dessa maneira que construímos a nossa dimensão pessoal e nos percebemos em relação às outras pessoas, aos outros objetos, a outras culturas que nos mostram nossas diferenças, nossas identidades através das **subjetividades** de “cada um” com os quais nos relacionamos.



Neste momento, tente integrar essa provocação à sua experiência de sala de aula.

É por isso que, para construir a dimensão socioantropológica da Prática de Ensino, precisamos “formatar” a idéia de que essa disciplina se configura em uma **PRÁTICA DOCENTE**, partilhada na pesquisa e na aprendizagem das múltiplas disciplinas do currículo escolar.



PRÁTICA DOCENTE

Entendida como ação institucional do professor no ato de ensinar.

As diferentes vivências proporcionadas pela sociedade, pela cultura, pela participação em diversos grupos de pessoas, em diferentes espaços, nos permitem compreender a **variedade de dimensões do cotidiano**, assim como assimilar comportamentos inerentes a cada um desses grupos. Da mesma forma, quando delimitamos a “grade curricular”, definimos a prática de ensino. Fica evidente que esta inclui práticas especiais de ensino relativas a cada conteúdo, em sua teoria e em atividades pedagógicas que lhes são próprias.

Assim, a Prática de Ensino de História e de Matemática destaca do contexto vivenciado conteúdos e formas diferentes de aprendizagem, de ensino e de pesquisa. O mesmo enunciado de um problema de vida possibilita o uso didático da História e da Matemática quando apontam, respectivamente, implicações sociais e operações numéricas.

Devemos nos lembrar de quanto a disciplina Prática de Ensino tem se modificado historicamente desde a Antigüidade até hoje, conforme as diferentes expectativas sociais a respeito do professor como profissional e suas responsabilidades.

Como antigamente, há ainda hoje quem pense no professor como um mestre, um mago que “sabe” e que não necessita de formação profissional prolongada ou de um estudo específico, porque considera a competência carismática e a retórica suficientes para ensinar. A simpatia e a comunicabilidade acrescidas do desejo de ensinar o fazem professor. Entretanto, nem o professor “mago” nem o professor “técnico” correspondem mais às reais necessidades de uma sociedade como a nossa.

Temos que pensar a prática pedagógica e o currículo em uma outra concepção de ensino, onde a aprendizagem há de se construir na cumplicidade de um grupo exigente, em sua racionalidade teórico-prática que se afirma em um planejamento pedagógico sensível à reflexão e às atuações em suas múltiplas dimensões sociais.

Hoje, é preciso compreender que o mundo vem mudando em suas formas geográficas, em suas relações culturais e identitárias, apresentando novas práticas que sugerem uma nova ética.

Pense na diferença que existe entre transmitir e ensinar.
Conteúdos tornam-se descartáveis devido à precariedade de dados com aplicabilidade restrita.



RESUMO

Se você, professor, se propõe como nós a uma prática de ensino que integre diferentes conteúdos, precisa:

- construir **socialmente os conteúdos de ensino** passíveis de promover a interatividade curricular;
- promover a percepção da **complexidade dos saberes**, que lhe permitam refletir sobre as resistências às proposições de mudança no pensamento pedagógico;
- reconhecer a importância do processo histórico na relação da escola com as **diferentes instituições da cultura**;
- superar o **pensamento fragmentado** pelas especializações na busca da totalidade do conhecimento;
- estabelecer **relações** entre a escola e as demais instituições na efetivação de um **“currículo vivo”**;
- valorizar, nas práticas educativas, as **representações sociais** que atingem o processo educacional.

EXERCÍCIOS



1. Selecione em artigos de jornais, revistas, e outras mídias, o relato de situações, que mostrem as diferentes formas de interação entre a escola e a sociedade.
2. Guarde aquelas relacionadas às seguintes temáticas:
 - Participação da família no processo escolar.
 - Relação da escola com o mundo do trabalho.

AUTO-AVALIAÇÃO



Se o desafio que propusemos a você foi um ensino e uma educação que integram várias dimensões, precisamos, agora, de uma nova reflexão:

Pense sobre as relações que se estabelecem entre a vida na escola e a vida do dia-a-dia. Quando você conversa sobre isto com seus alunos em sala de aula pode verificar as diferenças marcantes em suas falas.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA



Nossa próxima aula dará continuidade ao estudo da complexidade das relações que se estabelecem na escola, conhecimento fundamental que possibilitará sua nova prática pedagógica.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 3 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Dimensão socioantropológica da Prática de Ensino: contextualização reflexiva

AULA 4

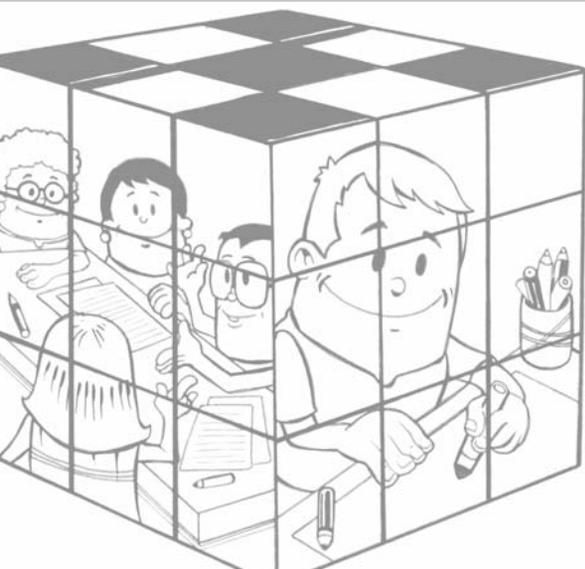
objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

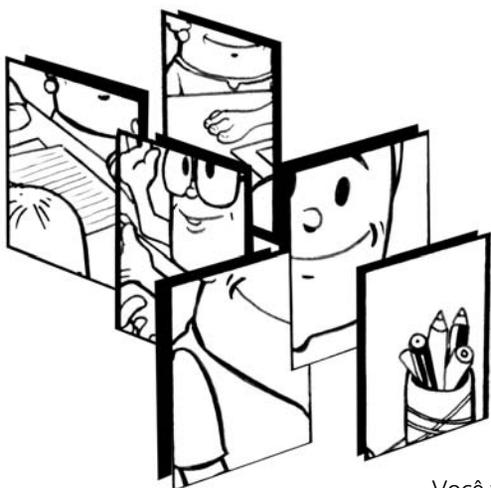
- Refletir sobre o processo de ensino/aprendizagem e sobre as práticas eficazes para a sua realização.

Pré-requisito

Para uma melhor compreensão desta aula, é preciso que você tenha identificado o que aparece implícito num "currículo vivo" e sua interferência no processo educacional.



INTRODUÇÃO



Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe; isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem... um nome: sapientia – nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

(Barthes, 1977, *in* Castro, 1998, p. 125)

Você vem encontrando, neste curso, informações que o levam a pensar sobre a diversidade que caracteriza cada indivíduo, cada grupo, cada sociedade. Essa diversidade se reflete não só no interior da Escola, como também nos demais membros da comunidade escolar. Com base em tais diferenças, os conhecimentos adquiridos se inserem cada vez mais amplamente na vida cotidiana.

Assim, temos que compreender nossas singularidades, de modo a estabelecer relações solidárias e produtivas em nosso cotidiano.

Como então poderá o professor colocar-se em sala de aula de maneira produtiva, entre a expectativa dos alunos e o recorte da realidade que precisa ensinar?



ATIVIDADE RELACIONAL

Chamamos atividade relacional ao “toque mágico” que se estabelece nas inter-relações de afetividade entre professores e alunos.

A SINGULARIDADE DA PRÁTICA DE ENSINO

A primeira dificuldade que identificamos como professor é a **ATIVIDADE RELACIONAL** com alunos, sempre a lhes transmitir mensagens de possibilidades, de sucesso, de esperança emocional e de confiança no fazer educacional. Isto só acontecerá, na medida em que se estabelece um clima emocional, que faz vir à tona o toque mágico das inter-relações, que se processa como essencial no trabalho docente.

Leitura complementar

Conversas com quem gosta de ensinar, de Ruben Alves, e saberá um pouco mais sobre esse “toque mágico”.



Saber ouvir, numa “escuta mais sensível”, a fala dos alunos, seus anseios, seus desejos, suas indagações, pode parecer fácil, quando não se tem o conhecimento da complexidade que integra as várias dimensões do ser humano.

Trabalhamos com nossas emoções, nossa cultura,
nossos gostos e desgostos, nossos preconceitos, nossas
angústias e desejos, nossos fantasmas de poder ou de
perfeições e finalmente nossas entranhas.

(Perrenoud, 1993, *in Carvalho*)

Somente através de muito esforço, vontade e competência profissional, podemos conseguir um clima de cooperação autêntica, nos múltiplos e complexos processos evidenciados na sala de aula.

PERRENOUD enfatiza que o ensino é um trabalho com pessoas, por isso, uma “profissão relacional”, tendo como principal “instrumento de trabalho” a pessoa do professor, um sujeito interagindo com outros sujeitos em atividades de dimensões existenciais e afetivas que não podem ser desconsideradas.



Esse esforço competente exige do professor uma renovação do pensar a sala de aula, o aluno e a escola.



PHILIPP PERRENOUD

Sociólogo suíço,
professor da Faculdade
de Psicologia e
Ciências da
Universidade de
Genebra.

HOJE, UM NOVO COMEÇO...

Definir um novo começo corresponde a estabelecer critérios de análise do professor profissional. Perrenoud (2001) nos faz pensar em uma atividade educacional que é:

- **intelectual**, porque envolve a responsabilidade individual daquele que a exerce;
- **erudita**, não rotineira, mecânica ou repetitiva;
- **prática**, na medida em que se define como exercício de uma arte mais do que puramente teórica e especulativa;
- **altruísta**, pois constitui um serviço valioso oferecido à sociedade;
- **técnica**, porque se aprende ao final de uma longa formação;
- **solidária**, à medida que se exerce por uma forte organização e uma grande coerência interna de um grupo.

Estamos nos confrontando com situações sociais complexas e subordinadas ao tempo, nas quais se misturam o social, o institucional e o pessoal. Fica inaugurado assim, em um **espaço definido pela complexidade da vida**, a construção de um sujeito capaz de se referenciar em uma relação com os outros e consigo mesmo. (Mireille Cifali, *in Perrenoud, 2001, p. 103*)

Perrenoud (2001, p. 25) diz que atualmente se torna mais visível a passagem de um ofício artesanal para uma situação profissional, onde o “professor” é visto como uma pessoa autônoma, dotada de competências específicas e especializadas que repousam sobre uma base de conhecimentos racionais, reconhecidos, oriundos da ciência, legitimados pela universidade, ou de conhecimentos originários da prática.

Nesse entendimento, fica fortalecida a idéia de que a profissionalização do professor se faz por um processo de racionalização dos conhecimentos postos em ação e por práticas eficazes em uma determinada situação.



Sugerimos agora que você reflita sobre:

- a **identificação da experiência** como portadora de saberes abstraídos do contexto ou das condições que os circunscrevem e os definem;
- a **valorização de um documento de registro** para acompanhar as ações e as reações acumuladas e arquivadas para posteriores reflexões e racionalizações;
- a introdução do constante **desafio de uma prática pedagógica reflexiva** que mantém o diálogo entre as identidades existentes na diversidade de sujeitos, de grupos, de falas e de tecnologias implícitas nas relações de convivência e produtividade;
- a utilização de **diferentes meios de ensino** e de recursos de aprendizagem que se encontram em jornais, revistas e outros periódicos, assim como nos textos musicais, nas fotografias, nos cartões-postais, nos fatos marcantes reproduzidos por pintores, escultores, arquitetos;
- a transformação do trabalho desenvolvido em “sala de aula” como documento, por revelar a **produção conjunta de professores e alunos** cada vez mais conscientes, mais atuantes, mais participativos... mais humanos.



Podemos afirmar que nesta perspectiva de produção contextual o currículo deve ser visto como um artefato social e cultural, por suas determinações sociais, históricas, antropológicas, dentre outras.

Assim, professor, em sua prática se revela um desejo permanente de aprender, de modificar-se, de viver em um mundo que se renova, colocando seus velhos problemas sob novos enfoques, sob outras perspectivas e novas esperanças.





Após essas práticas pedagógicas, será que você, professor:

- a) deseja a mudança?
- b) compromete-se através de ações e significações a executá-la?
- c) identifica quais são os papéis e modos de agir próprios da nova identidade?
- d) busca o reconhecimento dessa identidade e sua aceitação no relacionamento escolar?
- e) forma um novo autoconceito, posicionando-se como educador consciente em sua prática, no exercício da reflexão, da autonomia e da ação solidária?

RESUMO

Pensar a diversidade em suas múltiplas implicações na vida da Escola, torna você, professor, um novo líder pelo papel social que ocupa no processo educacional. Nós, professores, em constante reflexão sobre a prática docente, achamos por bem lembrar:

- Que diversidade significa perceber, entender, aceitar e saber trabalhar as diferenças (individuais, de grupo, sociais, culturais), através das práticas docentes em constante renovação.
- Que diversidade é esta que atinge e inclui toda a comunidade escolar? Que competência profissional torna-se tão importante quanto outras habilidades e/ou qualidades exigidas ao professor.
- Que nova Prática de Ensino é esta que exige de nós, professores deste tempo, uma renovação no pensar e no agir em sala de aula, com nossos alunos e no viver/conviver na escola e na comunidade?

EXERCÍCIOS



1. A partir do conhecimento adquirido nesta prática contextualizada, recomendamos a redação de um pequeno texto em que fique ressaltada a prática docente de um professor que valoriza o conhecimento, a cultura e a condição de aprendizagem de seu aluno.
2. Ao iniciar sua redação considere com atenção as questões apresentadas nesta aula.

AUTO-AVALIAÇÃO



Nosso propósito foi levá-lo a trabalhar com as diferenças observadas nas falas, nos comportamentos, e no confronto entre alunos, para examinar criteriosamente que a pretensa "homogeneidade" desejada por nós, no grupo de alunos, se revela muito mais pela diversidade, pelas diferenças, pelas características identitárias de cada criança, daí a singularidade da Prática de Ensino como disciplina e campo de pesquisa.

Você percebeu que o processo ensino/aprendizagem desenvolvido nessa perspectiva interacionista torna a Prática de Ensino uma disciplina mais eficaz na formação do professor?

AGENDA DIDÁTICA

Aula 4 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Novas concepções das práticas educacionais num mundo de relações e identidades

AULA 5

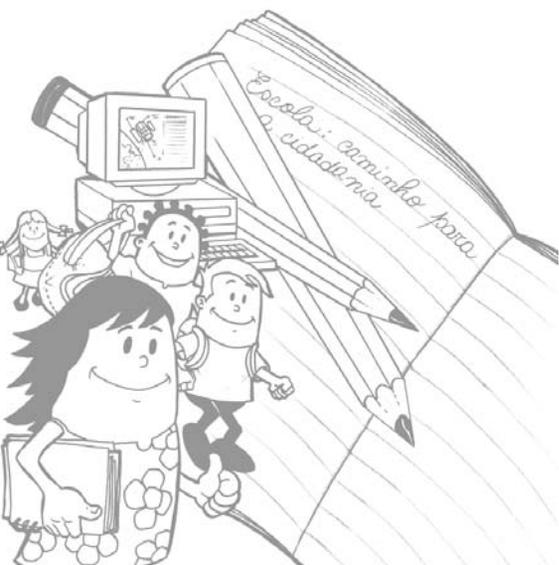
objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Analisar as diferentes formas de elaboração do conhecimento pelo sujeito em processo de aprendizagem.
- Avaliar os novos desafios da prática pedagógica na perspectiva da multiplicidade de saberes.

Pré-requisito

Volte à aula anterior para rever a importância da dimensão socioantropológica no processo educacional. É um conhecimento indispensável à Prática de Ensino.



INTRODUÇÃO

Nas aulas anteriores, observamos que a aprendizagem é um ato construído socialmente e que envolve uma relação entre os diferentes sujeitos da Educação.

Por conseqüência:

O saber ler e escrever serve para abrir os olhos da gente, não apenas para aprender o mundo dos outros, mas para aprender também o mundo da gente.

(Secretaria Municipal de Educação.
São João de Meriti, SEMEAR, 1998, p. 59)



Esta nossa quinta aula será desenvolvida a partir da leitura do texto no próximo item e das atividades decorrentes dele.

O êxito de nossas aulas dependerá da interação com as outras disciplinas que você esteja cursando e das demais informações que você possua. É importante, (re)construir seu conhecimento teórico e, a partir dele, poder (re)pensar a todo momento novas abordagens pedagógicas. Isto não é fácil e precisa querer, pensar e exercitar.

É bom lembrar que a troca de conhecimentos e experiências com seus colegas será sempre oportuna, enriquecedora, não esquecendo também que os tutores estarão a sua disposição sempre que precisar.

Continuamos apostando no seu sucesso!

MÚLTIPLOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO: A SUBJETIVIDADE DE PROFESSORES E ALUNOS

O mundo, as relações e as identidades mudaram, assim como as concepções e as práticas educacionais. Em função dessas mudanças, não podemos mais pensar nem praticar a pedagogia e o currículo como antes. Neste contexto, a Pedagogia Cultural impele a novas concepções, fazeres, dizeres.

(SANDRA CORAZZA, *Pátio*, 2000, p. 27)

SANDRA CORAZZA

É professora do Programa de pós-graduação em Educação e do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS.

Começamos esta conversa de professores, lembrando-nos de quando trabalhávamos em escolas da rede pública, há algumas décadas, aproximadamente no início dos anos 70 quando era suficiente entender, ver e falar dos alunos apenas como membros integrantes de certa classe explorada da sociedade. Hoje isso não basta. Atualmente, precisamos compreender o alunado da escola pública também como um menino(a), de geração infantil, branco(a) ou negro(a), hetero-homossexual, migrante

da zona rural, filho(a), catador(a) de lixo, católico(a), evangélico(a) etc. Assim visto, temos que considerá-lo como possuidor de muitas linguagens e usuáriede várias outras. (ibid, p. 27)

Neste sentido, também concordamos em vê-los(as) como sujeitos escolarizados, possuidores de vários discursos simultâneos, e, às vezes, sobrepostos ou conflitantes. Este **MOSAICO CULTURAL** surge numa subjetividade plural, não mais centrada na classe, no gênero, na nacionalidade, mas naquilo que poderíamos chamar de **identidade cultural**.

Mas você poderá perguntar: ora, por que não posso mais entender meu aluno somente como sujeito integrante de uma classe popular de uma escola pública da periferia? Respondemos categoricamente que não deve ser assim. **Você sabe, os tempos são outros, tudo mudou: o mundo, as relações e as práticas educacionais também.** Evoluímos como pessoa, como profissional e como sociedade.

Os vertiginosos avanços científicos e tecnológicos nos conduzem a novas concepções, a novos fazeres e dizeres e, em função destas mudanças, **buscamos uma nova pedagogia, novas práticas curriculares, ou seja, novas respostas para antigos problemas do cotidiano escolar.**

Este pensar, professor, nos remete a uma determinada trajetória de estudo. Primeiramente, uma compreensão teórico-prática das **representações sociais** e, a seguir, os desenvolvimentos e atuais aplicações destas à educação.

A noção de “representação social”, para **R. CHARTIER** (1990), é entendida a partir da sociologia histórica do ato de ler, associada à prática cultural. Ou seja, seu interesse torna **relevante a construção e a leitura da realidade social em diferentes espaços e tempos.** “Classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreensão do mundo real”, conforme esclarece Sandra Corazza.

A teoria das representações sociais em seu propósito de buscar, relacionar processos cognitivos e práticas sociais, recorrendo a sistemas de significação socialmente partilhados, que orientam e justificam, nos parece, finalmente, justificar-se como um caminho promissor na busca de novas soluções para velhos problemas.



MOSAICO CULTURAL

Diz-se de uma sociedade onde o processo de interação entre os grupos exige o enfrentamento das diversidades culturais.



A Pedagogia precisa e deve ser, cada vez mais, entendida e exercida em termos culturais.



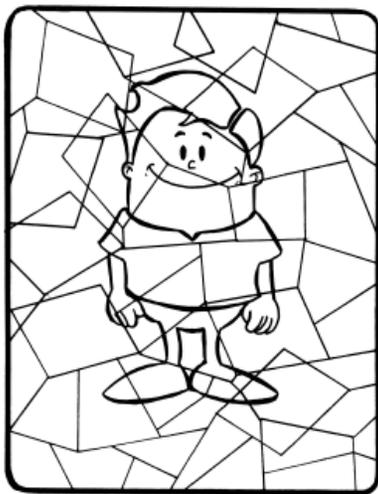
ROGER CHARTIER

Historiador francês, autor de inúmeras obras, como *A História Cultural entre práticas e representações* e *Memória e Sociedade*, e de onde extraímos o conceito de representações sociais para nossa análise e discussão.

Desta forma, podemos entender “representações” como esquemas construídos pelos indivíduos que as geram conforme seus interesses. Assim, somos “forçados” a estabelecer relações entre o que é dito e o lugar social daquele que o diz. O entendimento do termo “representações”, esclarece por que não existem discursos neutros, visto que há sempre uma ideologia subjacente. Tais discursos fazem parte de estratégias e práticas de poder que se apresentam em campos de constantes concordâncias e competições, consensos e conflitos.

Por tudo isto, a investigação das representações nos conduz à vida social e nos aproxima das relações concretas, colocando-nos em contato com a vida, conforme a realidade pensada conforme a experiência de cada um. Um copo de água pela metade, por exemplo, estará meio cheio ou meio vazio de acordo com a lógica do observador.

Veremos agora três formas de interação entre o sujeito e o mundo que sejam possíveis de serem identificadas no seu cotidiano escolar:



- **as atividades de classificação e delimitação:** construções da realidade, criadas pelos diferentes espaços sociais de forma plural e contraditória;
- **as práticas sociais expressivas:** formas de existência de relações do sujeito com o mundo, e com sua própria lógica;
- **as formas institucionalizadas** de agir, pensar, sentir – coletivas ou singulares – simbólicas da existência e da continuidade de grupos e classes. (Dauster, 2000)

É possível que, através deste percurso, possamos compreender a construção da teoria da leitura de Roger Chartier (1990), que procura mostrar as diferentes formas pelas quais os sujeitos interpretam textos que os afetam, transformando sua auto-representação em representação do mundo.

Tais referências nos mostram que quando Chartier nos convida – professor e alunos pesquisadores – a trabalhar com representações e práticas, ele ressalta o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os faz. Ou como diz Norbert Elias:

...o modo como uma pessoa decide ou age, desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade. Mas, o que assim se molda não é algo simplesmente passivo, não é uma moeda sem vida, cunhada como milhares de moedas idênticas, e sim o centro ativo do indivíduo, a direção pessoal de seus instintos e de sua vontade; numa palavra, seu verdadeiro eu. O que é moldado pela sociedade também molda por sua vez: é a auto-regulação do indivíduo em relação aos outros que estabelece limites à auto-regulação destes.

Até então fomos conduzidos a uma conceituação de representações sociais, no contexto educacional. A partir de agora mostraremos como tais representações se apresentam em seu cotidiano e sua importância na construção da subjetividade de alunos e professores, na identificação de suas personalidades.

Muitas mudanças já estão ocorrendo e precisamos percebê-las. Vejamos como:



Quando você reprova o seu aluno, será que se dá conta de que outros professores não mais fazem isso? Considera certa a reprovação?

O processo de avaliação tem duas funções: a diagnóstica e a classificatória. A escola faz uso de ambas, sendo porém a classificatória de maior aplicação, visto que se destina ao acompanhamento e à análise do processo educativo.



O fracasso escolar e sua incidência perversa sobre os alunos oriundos das camadas mais pobres da população constitui forte base de pesquisa e de discussões entre especialistas em educação.

Os estudos sobre este fracasso apresentam alguns culpados:

- a própria criança, quando considerada por sua “natureza” sem aptidão ou prontidão necessária para a aprendizagem;
- o próprio meio cultural que não proporciona à criança o desenvolvimento de atitudes e competências necessárias – “privação cultural”;
- o próprio sistema escolar, então responsável pela manutenção do sistema social vigente, sustentado pela “teoria da repetição”.

A Escola pode ser concebida como um pólo cultural, onde o conhecimento deve ser socializado, vinculado à realidade do aluno.

A Escola pode promover a identidade cultural do aluno, inserindo-o no mundo em que vive.



Como vemos, este quadro e suas contribuições ou mudanças efetivas das práticas escolares têm nos conduzido ao imobilismo, favorecendo mecanismos de exclusão nelas contidos. Quantas vezes você já pensou sobre isso?

Neste sentido, concordamos com Mazzotti (2001) quando em recentes pesquisas evidencia o estudo do cotidiano escolar e suas práticas docentes. Segundo ela, tais estudos indicam que

- 1) o baixo nível socioeconômico do aluno induz o professor a uma baixa expectativa sobre ele;
- 2) os professores tendem a interagir diferentemente com alunos, construindo expectativas altas e baixas;
- 3) este comportamento diferenciado, frequentemente resulta em maiores ou menores oportunidades para aprender, surgindo diminuição da auto-estima de alunos com baixas expectativas;
- 4) os professores atribuem o fracasso escolar às condições sociopsicológicas e econômicas dos alunos, eximindo-se de responsabilidades;
- 5) a responsabilidade pelo “fracasso”, suas causas internas (falta de aptidão ou de esforço) tendem a ser assumidas pelos alunos de baixo rendimento.



Ainda acompanhando o pensamento da autora, afirmamos, com base, também, em tantas outras pesquisas, que os professores têm se mostrado pouco críticos a respeito do que esperam dos alunos mais carentes, tendendo a uma visão de mundo estereotipada pela classe média, considerando-a como se fosse única.

Resumindo, o modelo de aluno ideal não corresponde ao da realidade. O aluno que hoje representa a maior parte de nossa clientela da escola pública do ensino fundamental é uma criança pobre, cujos pais têm baixa renda (ou nenhuma), sem escolaridade e lutam pela sobrevivência.

A importância de tais estudos representa para nós um avanço no conhecimento dos mecanismos básicos sobre os quais se produz o “fracasso escolar” das crianças pobres. Estes estudos nos mostram a necessidade de se ultrapassar as constatações estereotipadas, seja na prática escolar ou “na cabeça das pessoas”. Torna-se premente entender como e porque estas percepções, atribuições, atitudes e expectativas são construídas e mantidas.

A teoria das representações sociais, em seu propósito de buscar e relacionar processos cognitivos e práticas sociais, justifica-se como um caminho promissor na busca de novas soluções para velhos problemas socialmente partilhados.

Apesar da posição que assumimos nesta Prática de Ensino, não se pode fugir ao enfrentamento teórico-prático operando e interagindo com a prática investigativa, caso contrário se perderia a riqueza e a complexidade teórica e histórica desta prática.

Excluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não têm capacidade técnica porque não aprenderam a ler, escrever e contar e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania estes mesmos cidadãos, porque não conhecem valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa.

(Vicente Barreto, *Raízes e Asas*, 1988, nº 1, p. 3)



RESUMO

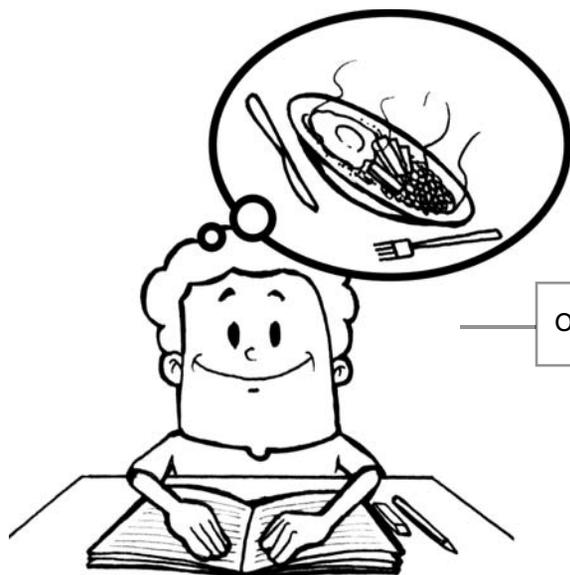
Vimos que se nós, professores, afirmamos que os tempos são outros, não podemos nos esquecer desta realidade quando estamos em sala de aula. Assim vale lembrar:

- o mundo das relações e as identidades mudaram, assim como as concepções das práticas educacionais.
- alunos e professores, sujeitos da educação, se apresentam como possuidores de vários discursos, numa constante subjetividade entre professores e alunos.
- a prática docente, exercida atualmente em termos culturais, torna relevante as representações sociais – construção e leitura da realidade social em diferentes espaços e tempos.
- o professor “deste tempo” deve perceber como as representações sociais se fazem presentes em seu cotidiano escolar e sua importância na construção da subjetividade de alunos e professores.
- o fracasso escolar merece ainda outras pesquisas, assim como, o desenvolvimento de novos projetos sociais que busquem em uma prática pedagógica um currículo que seja uma possibilidade de interação entre alunos.

EXERCÍCIOS



1. Observe, após nossa aula, como a **subjetividade de professores e alunos** se faz presente em sua sala de aula;
2. Discuta sobre ela com colegas de curso, no pólo ou em sua própria escola;
3. Aproveite **estas ilustrações** a seguir e faça um registro de cada uma destas situações que se relacionem a sua experiência.



O que esta escola representa na vida de seus alunos?

Repense suas condições de vida.



Como o aluno aprende?

Curta o prazer de fazer um álbum de imagens (fotos) na escola, evidenciando diferentes práticas pedagógicas do cotidiano.



AUTO-AVALIAÇÃO



Você conseguiu perceber as diferentes formas de construção do conhecimento?

Foi possível fazer uma relação entre esse processo de construção e as mudanças das relações que provocam novas identidades?

Como, no seu entendimento, a escola vem se comportando em relação a essas mudanças que vêm ocorrendo?

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA



A próxima aula levará você a refletir sobre os múltiplos saberes no exercício de ensinar e aprender.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 5 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Ensinar e aprender... Um exercício de múltiplos saberes?

AULA 6

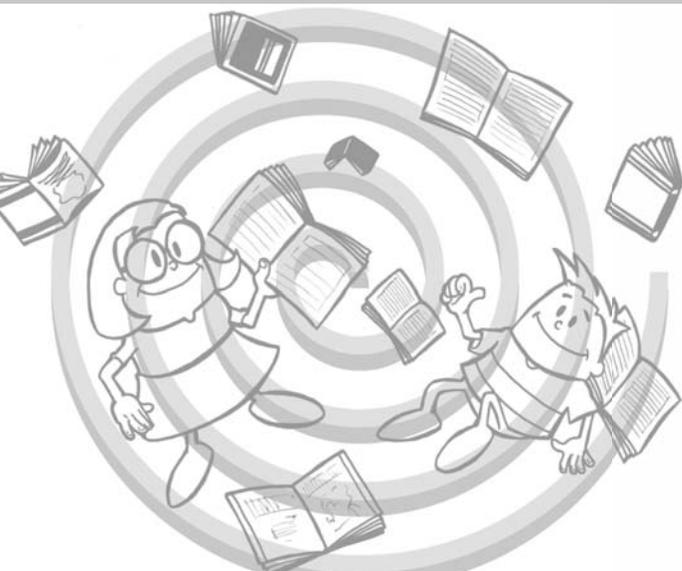
objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Analisar os processos cognitivos, dialógicos e interativos, presentes nos processos de ensino e aprendizagem sob diferentes aportes teóricos.
- Propor rupturas com a perspectiva tradicional de ensino.

Pré-requisito

O reconhecimento da importância da interação entre os sujeitos da educação na construção dos múltiplos saberes necessários a um novo tempo nas relações culturais.



INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos que alunos e professores interagem como sujeitos da educação, em seu cotidiano escolar. Daí a importância das subjetividades na concepção das atuais práticas pedagógicas vivenciadas dentro e fora da escola.

Sabemos que toda criança tem algo a dizer.

É preciso que o professor dê oportunidade para que ela fale.

Partilhar idéias é, também, desenvolver o pensamento!

(Célia Linhares)



Vamos refletir agora sobre a produção de sujeitos e suas subjetividades, pois é preciso fazer o cruzamento entre os saberes sociais e os saberes já constituídos na cultura que os alunos vivenciam.

Promover rupturas em relação ao ensino tradicional.

Fácil de falar, difícil de fazer!

Lembre-se de que o convívio nos permite aprender ao imitar o outro, ao acatar sugestões e criar novos saberes, certezas e convicções que nos tornam persuasivos e contestadores.

No olhar que lançamos sobre nossa prática docente identificamos: o novo, o antigo e o desejado.

Ensinar é sempre um desafio?

Desafio é...

...uma imprudência?

...uma ousadia?

...uma coragem compartilhada?

...um desbravar constante?

Na conversa que iniciamos anteriormente, falamos em **promover rupturas**. Nossa intenção era (e ainda é) a de favorecer novas alternativas na (re)construção dos saberes constituídos. Vamos continuar esta conversa?

Inicialmente, o desafio nos conduz a uma prática pedagógica que auxilia professores e alunos a **refletirem e perceberem seus saberes**, para, em seguida, **entender, processar e transformar a realidade** (Freire, 1987).

Tomamos a escola pública fundamental como palco central, onde a experiência de cada um vai sendo construída numa instituição escolar. Lançamos nosso olhar sobre este território singular – **a sala de aula** – espaço pedagógico onde a ação acontece (Nóvoa, 1992).

Quando você está em sala de aula junto a seus alunos, o que acontece neste espaço e o que você faz acontecer?

Pensando nisto, discutiremos a sala de aula como um espaço institucional que favorece novas iniciativas e pressupõe um esforço da (re)significação de **ensinar e aprender**.

Você perceberá que instituir uma perspectiva de produção do conhecimento e promover a apropriação dos saberes cotidianos aproxima a escola da vida dos alunos. Provoca uma ação reflexiva sobre o conhecimento e a experiência de si mesmo na relação com os outros.

OS MÚLTIPLOS SABERES NO EXERCÍCIO DE ENSINAR A APRENDER

Da fronteira se pode alcançar
um ângulo de visão mais amplo... embora nunca
se veja tudo.

(Regina Leite Garcia)

Começamos por lhe perguntar se, alguma vez, um acontecimento inesperado, de pouca importância em seu cotidiano, fez você mudar de “atitude didática”, como por exemplo, em relação a algum aluno, preconcebidamente “rotulado” de “irrecuperável”, alterando a vida dele.

A vida de professores registra muitas surpresas e, neste processo de constantes descobertas, muito nos assustamos, mitos desaparecem e constatamos que:

(...) a verdade é sempre relativa a quem olha e ao lugar de onde se olha, e mais, que o que até então denominamos objeto nos olha interagindo conosco, e direciona o nosso olhar, influenciando sobre o que vemos e até sobre o método que escolhemos para investigá-lo.

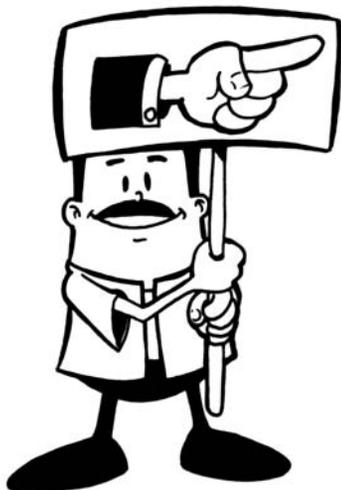
(Garcia, 2000, p. 116)

Tal situação se apresenta como uma estratégia ‘provocadora’ que lhe pode permitir levantar, conhecer e até (re)construir processos e relações presentes em sua vivência escolar, em sua consciência e em suas múltiplas ações.

No entanto, é bom lembrar que nossa contribuição nesta reflexão somente se tornará válida, se o aluno/professor se envolver no processo de (re)construção desta prática. É necessário, para isto, identificar contradições, descobrir dimensões que interagem na construção dos saberes, identificar suas influências no exercício de ensinar e aprender, e respeitar os “papéis sociais” que são incorporados no palco da escola. Daí vem a (re)significação da Prática de Ensino pelo exercício dos múltiplos saberes em interação.



Então, pergunta-se, que conhecimento é este, trabalhado e construído na escola e pela escola, do qual estamos falando?



“É a professora que sabe!”: concepção dos alunos sobre o “ensino” do sistema formal.

“Olha quem está falando!”: as diferentes vozes no discurso escolar.

Somos sempre atores observando e sendo observados. Criticamos e somos criticados.



O **saber escolar** apresenta diferentes tipos de conhecimento e realça a importância do trânsito entre saberes; o conhecimento está em constante processo de elaboração e sempre a serviço de valores, nem sempre explícitos, mas culturalmente observados e reproduzidos.

Quando nos referimos à escola como palco, pensamos nas representações que ela contempla: a vida na escola, se é “vida vivida”, nos tem mostrado a **existência de múltiplos saberes no ato de ensinar e aprender**:

- Saberes daqueles que nos contam a própria história de vida;
- Saberes dos que propõem novos enfoques sobre o ato de ensinar e o ato de aprender;
- Saberes de fragmentos autobiográficos;
- Saberes que os alunos trazem para a sala de aula e que são fundamentais ao processo de formação do conhecimento.

Temos hoje, a nosso dispor, vasto material coletado por pesquisa ao longo da história, que nos permite uma visão mais rica da escola, com registros biográficos de alunos de outras décadas. O que nele encontramos? Práticas autoritárias e desprezo pelo **saberes dos alunos**, o cotidiano escolar desconhecido pelos pais dos alunos, assim como o distanciamento em relação às contingências que cercam a vida de professores.



Tire o olho do livro!
 Sozinho ele é muito "indigesto" ...
 Olhe ao seu "entorno" ...
 Junte conhecimento com observação...
 do outro sozinho,
 dos outros em grupo,
 do ambiente da escola,
 da cultura dos alunos.



O trabalho na escola não pode prescindir da reflexão consciente do professor, do olhar sobre si mesmo como sujeito de sua prática, de sua própria história de vida escolar, ou seja, este trabalho não pode ignorar aquele que se propõe, a todo momento, (re)significar sua aula como espaços de:

- possibilidades de experiências, de visão de mundo, de valorização das relações interpessoais, de ações educativas inclusivas, valorizando o que se fala, lê, escreve, pensa, ensina, aprende e arquiva.



Assim pensando, a sala de aula, este território destinado à conquista de múltiplos saberes, apresenta-se como uma **teia de relações**. Tais relações podem ser interativas do intelecto e do afeto, tecidas entre as pessoas produtoras dos atos de ensinar e de aprender, tanto na **dimensão subjetiva** – da consciência dos sujeitos, quanto na **dimensão objetiva** – da cultura.

Nossa proposta inicial foi favorecer a auto-reflexão de vocês, alunos/professores, como sujeitos da produção de sua própria formação. Queremos uma formação que incorpore, com humildade, o exercício de transitar em diferentes campos do conhecimento, sem apropriação privada de saberes e com consciência de seus não saberes.

Se concordarmos que o professor brasileiro “mudou de perfil, de classe, de cor, de cultura e de condições materiais, talvez possamos a partir destas concepções, abrir caminhos para a reinvenção da escola” (Frazão, 2000, p. 49).

Nesse sentido, firma-se a necessidade de se criar uma nova cultura, que seja **transgressora** das verdades acabadas, do conhecimento pronto e desconectado da realidade social.

Os estudos já realizados sobre a sala de aula em territórios de múltiplos saberes (Anais do X Endipe, RJ, 2000) apontam resultados.

para a dialogicidade como categoria mediadora entre os conhecimentos e as pessoas, em que as relações possam ser construídas por meio da partilha das vivências e saberes entre o professor e os alunos, saindo da visão de investigações sobre para uma investigação e reflexão com a realidade e com parcerias construídas numa sala de aula com fronteiras abertas, permitindo a possibilidade de indissociar o ato de ensinar e o de produzir conhecimento.

(Cleoni Fernandes, 2000, p. 180)

Para finalizar, embora sem colocar um ponto final na discussão, procuramos mostrar que a Escola pode agilizar o trânsito dos saberes na ação pedagógica, fazendo com que ocorra um fluxo contínuo nas diversas (re)elaborações cognitivas/afetivas, frutos de procedimentos de qualidade, na direção do exercício da “cidadania assumida”.

Esperamos que, através deste percurso discursivo, seja possível entender melhor a complexidade de tais processos sociais que envolvem tanto os que estão na escola como os que permanecem fora dela.

RESUMO

Nesta aula vimos que a prática de ensino não pode prescindir da constante reflexão do professor, do olhar sobre si mesmo como sujeito de sua prática de seu propósito de refletir:

- A sala de aula, vista como território de múltiplos saberes – espaço de relações interativas do intelecto e do afeto entre os que participam do ato de ensinar e aprender;
- A interação que se processa tanto na dimensão subjetiva da consciência dos sujeitos (professores e alunos), quanto na dimensão objetiva da cultura a que pertencem estes sujeitos.
- Os diferentes saberes do professor, sempre percebidos e sempre tomados como ponto de partida para se entender e transformar a realidade.

EXERCÍCIO



1. Nossa preocupação em oferecer sempre o melhor nos remete ao texto **A Escola fabricando professores e estudantes: “experiência de si mesmos”** (Linhares, 2000, pp. 47-54). Nele, a professora faz referência a um filme rodado numa escola de Shuiquan, num povoado da China contemporânea. O filme em questão, *Nenhum a menos*, faz parte da videoteca de seu pólo.

Propomos que você assista ao filme. Ele tem sido utilizado em cursos de formação de professores, por sua adequação ao trabalho na educação e na escola.



Algumas referências sobre ele:

- Mesmo retratando uma escola no oriente, o enredo nos leva a pensar o que temos estudado sobre as subjetividades, se muito pouco ou quase nada. A subjetividade de sujeitos professores e alunos vai sendo construída e produzindo escolas. Até que ponto estão construindo para conservar ou para modificar seus entornos, suas comunidades, suas cidades, conjugando-as com outras relações sociais, intervindo nas sociedades e na história (*ibid*, 2002, p. 44).

- A trajetória do filme levará você a observar questões pedagógicas, conteúdos, métodos e seu entrelaçamento e até sua subordinação, dentre outras questões menos discutidas ou faladas, mas sem dúvida, como bem ressalta Célia Frazão Linhares, presentes e potencializadas nas práticas, e nos funcionamentos e mecanismos da escola:

as políticas que conduzem as experiências de si mesmo e dos outros, controlando não só o como aprender, mas o que se aprende, o que se ensina e fala e, do outro lado deste mesmo fio, o que se precisa silenciar e desaprender. Trata-se de espaços políticos de fabricação de conformismos e sujeições que, por sua vez, atijam insurgências, como resistências, como afirmações.

(Endipe, 2000, p. 45)

Assistindo ao filme, seu olhar deverá estar voltado para **ver o que nos acostumaram a não ver**, o que foi deixado à margem, como menor, pela força de consensos que reproduzem os ditos e os feitos. Por esta razão, vale a pena você também ver este filme.

Com olhar investigador, você poderá identificar nas falas da “professorinha” Wei Minzhi, nas imagens do filme, os exercícios contidos em processos de subjetivação, numa tensão a que chamamos de mundo de objetos – numa dimensão de objetividade inseparável da subjetividade. Você verá também, no filme, que os exercícios de matemática tornaram-se produtivos, e se transformaram no objetivo maior da própria escola: a luta pela permanência de todos na escola – nenhum a menos.

Vale a pena conferir e fazer o registro das inúmeras questões pedagógicas a serem refletidas por você nesta oportunidade de (re)construção de saberes de professores e alunos.

Lembre-se de que, diariamente, em sala de aula, você e seus alunos constroem saberes únicos e importantes. Registrar os conceitos estudados, fotografar (gravar) as cenas interessantes do cotidiano e utilizá-las pedagogicamente pode ser uma forma de levantar vozes até hoje silenciadas e dar significado a comportamentos ocultados por mitos e preconceitos.



AUTO-AVALIAÇÃO



Esta aula trouxe uma série de conhecimentos que interferem na perspectiva pela qual vemos a prática de ensino na sala de aula e fora dela.

Partindo da proposta da (re)significação do processo de ensinar e aprender, releia os objetivos desta aula e constate se houve (re)significação em seus conhecimentos: dúvidas que ficaram e mudanças que provocaram.

Você conseguiu visualizar no filme o exercício dos múltiplos saberes em ação na escola?

AGENDA DIDÁTICA

Aula 6 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Espaço de ensinar, tempo de aprender

AULA 7

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Formular novas políticas de atuação em sala de aula.
- Encontrar em sua própria ação os caminhos sugeridos nas teorias estudadas.

Pré-requisitos

Trazemos para esta aula os diversos conceitos trabalhados nas Aulas 5 e 6 sobre:

- Identidades culturais e sociais;
- Subjetividades de professores e alunos;
- Interação escola e meio;
- Representações sociais em sala de aula;
- O ato de aprender como exercício de múltiplos saberes.

Eles serão necessários para compreender a sala de aula como espaço de reflexão no exercício de ensinar.



INTRODUÇÃO

Não há um penso, mas um pensamos. É o que pensamos que estabelece o penso e não o contrário. Essa co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação, em torno do significado/significante.

(Paulo Freire)

Pensamos em lhes oferecer um eficaz instrumento que trouxesse à tona o lugar da imaginação na educação, revendo a crença na criança, na cultura, no ambiente familiar, na escola, na comunidade, para livrá-los de preconceitos e autoritarismos que minimizam nossa capacidade de atuar criativamente.

O fardo material teórico que lhe oferecemos teve como objetivo possibilitar o relacionamento entre os conhecimentos teoricamente discutidos e a prática cotidiana na escola e na vida. Esta é a principal razão de mantermos e defendermos uma prática de ensino que sugere caminhos a serem escolhidos por você no grande repertório de saberes apreendidos no dia-a-dia de todo professor.

Sua vida, suas indagações, suas afetividades, repletas de emoções, juntamente com os conhecimentos adquiridos, configuram um novo espaço de reflexão que lhe possibilita a interatividade no exercício do ensinar.



QUE TAL MANTER EM SALA DE AULA UM OLHAR FELIZ, QUE INTEGRA VIDA E PROFISSÃO?

E agora você decide seus próximos passos em relação aos objetivos dessa aula.

Preciso rever as aulas anteriores?

Preciso ler um pouco mais?

.....

(o que você precisa fazer?)

Você, professor de rede pública de ensino, sabe o quanto divergem as orientações das diversas Secretarias de Educação que de certa forma influenciam nossa prática docente.

Entretanto, reconhecemos que a aprendizagem exige determinadas rotinas que caracterizam a instituição escolar, tornando-a diferente e tão necessária à sociedade atual, por isso a necessidade de investir "pesado" na capacidade diária para o exercício do magistério.

Na sala de aula a teoria se atualiza, sendo confirmada ou transformada, à medida que não dá conta do que acontece fora dela. Por isto, provoca busca e criações de novas explicações teóricas, capazes de responder às complexas questões dos profissionais empenhados em ensinar e aprender.

Não há curso que possa dar conta do seu desenvolvimento profissional, isto só depende de você. Nós podemos apenas ajudar.



Pelo que temos falado, cada um de nós é um, único, diferente de todos os demais; cada situação é uma, inédita, diferente de qualquer outra situação teorizada, explicada, vivenciada em sala de aula.

Neste momento, dentre as inúmeras questões que afloram seu pensamento, professor, destacamos:

- Como cada aluno pode contar sua história de vida em contribuição ao grupo?
- Como você pode propor novas práticas para a sala de aula?
- Como o ambiente da comunidade interfere na sua forma de ensinar?
- Que saberes anteriores você e seus alunos têm aproveitado no processo de ensino e aprendizagem?



Partindo das aulas anteriores, você agora já tem bem claro nosso propósito em chamar sua atenção sobre a diversidade entre os alunos e os múltiplos sujeitos da educação.

Não se trata de trabalhar com as diferenças – para homogeneizar – nem de trabalhar, apesar das diferenças, ignorando-as, e sim, com as diferenças encaradas como contribuição e não como faltas ou necessidades...

(CENPEC, 1994, p. 6)



Trabalhando com as diferenças.

Sala de aula: oficina de trabalho.

Se você, a partir de agora, observar com maior rigor uma turma em sala de aula, ou mesmo qualquer outro grupo considerado “homogêneo”, com certeza **encontrará entre seus integrantes mais diferenças do que semelhanças**. Se souber aproveitar a riqueza que existe na variedade de respostas entre alunos e professores, esta aprendizagem se tornará mais efetiva para todos, fazendo com que você, professor, **esqueça de vez, tantas tentativas que já tivemos em reduzir estas diferenças**.

O trabalho da escola não pode prescindir da reflexão sobre estas questões. Possibilidade fundamental de (re) significar seu espaço de ensinar e aprender.

A escola precisa ser vista como um espaço-tempo de permanente transformação, exigindo muita dedicação e, mais que tudo, muita investigação para romper com uma absurda onipotência com a qual fomos todos formados.



Deslizando em nossa própria história, devemos considerar suas tantas e necessárias diferenças, porque já aprendemos que o cotidiano escolar tem uma história falada e escrita por seus diferentes sujeitos que criam e recriam este mesmo cotidiano escolar onde se efetiva a aprendizagem.

RESUMO

Está na escola a realidade de alunos, professores, assim como de outros sujeitos do cotidiano escolar. Está na escola porque estes sujeitos aí estão: pais, alunos, professores, serventes, merendeiras e outros profissionais.

Buscamos, para melhor ensinar, caminhos que nestas múltiplas redes sociais de aprenderensinar possam emergir (Alves, 2000, p. 32).

Os diversos conceitos trabalhados podem se transformar em processos que manifestem conhecimentos da prática docente de cada professor, de seus alunos, de sua comunidade e que, se organizados, possam interagir nesta rede de subjetividades.

Procuramos discutir juntos esta questão para que, pela própria experiência, possamos, aqui e ali, encontrar pistas para criarmos novos caminhos.

Nossa prática de ensino aposta no professor. A memória acumulada por suas experiências escolares possibilita o aflorar do como se faz e do como se vem fazendo. Aponta para a reflexão como forma de reinventar a escola passo a passo.

E, para concluir, voltamos a perguntar: como é ser professor nesta perspectiva?



EXERCÍCIOS

1. Sugerimos que você recorte em jornais e revistas, textos com situações que evidenciem acontecimentos veiculados pela mídia, mostrando sua interferência no cotidiano escolar.
2. Que tal escrever para seus alunos, como no exemplo abaixo. Eles vão adorar, mas poderão começar a desistir, se você não se mostrar parceiro deles.

Joana,

Juntas pela primeira vez, começamos devagarzinho a nos conhecer, aprendendo com o passar dos dias a melhor forma de nos relacionarmos. No início você quase não falava: seus olhos assustados exploravam o ambiente com receio. Não participava das atividades de grupo, preferindo ficar sozinha.

Devagarzinho você foi se soltando, construindo amizades, se aproximando de mim e deixando que eu me aproximasse também.

Hoje já conta para mim seus problemas, conversa com todo o grupo, não tem medo de expor suas idéias. Passou a escrever textos mais relacionados com sua própria experiência de vida. Cada vez aumenta mais sua necessidade de se expor, ultrapassar seus limites, criar e recriar suas idéias, voando a cumes sempre mais elevados.

(CENPEC, 1994, p. 18)



AUTO-AVALIAÇÃO



Viu como foram importantes os conteúdos das Aulas 5 e 6? Eles ressaltaram o quando e o onde se ensina e se aprende, em todos os tempos, e em todos os espaços. Você percebeu? Instigado a **pesquisar seu espaço de ensinar e aprender**, criando e recriando conhecimentos que estão na escola, você tem visualizado sua prática pedagógica como espaço de pesquisa e aprendizagem? Como esta transformação vem ocorrendo em seu cotidiano escolar?

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA



Nossa próxima aula dará início a uma praticidade maior em nosso curso. Achamos, entretanto, necessário pontuar alguns fundamentos teórico-práticos para melhor compreensão da Prática de Ensino que possibilite uma **visibilidade de sua atuação em sala de aula**.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 7 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Visibilidade da Prática de Ensino – saberes que se cruzam. Onde? Quando? Como?

AULA 8

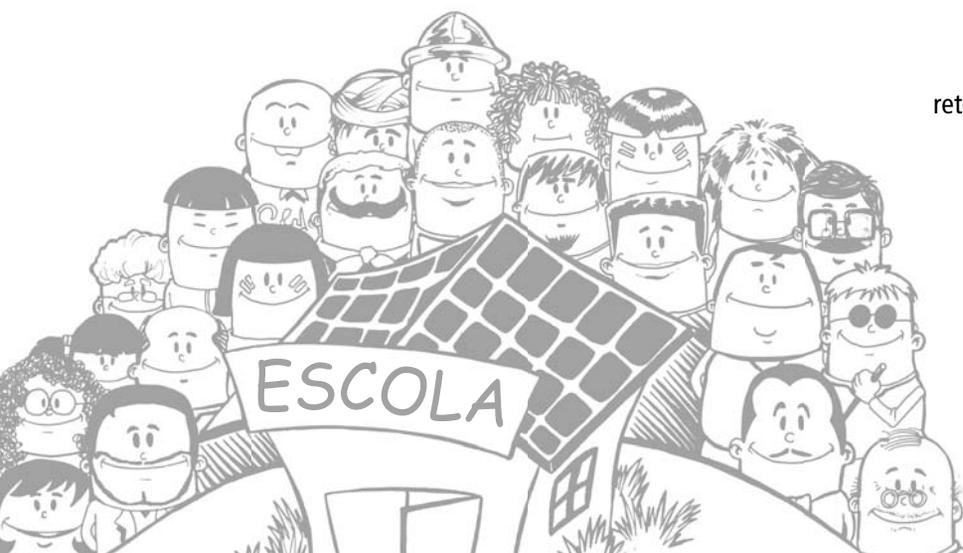
objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Verificar no seu percurso cotidiano as diferentes oportunidades de criação nos saberes compartilhados de forma interdisciplinar.

Pré-requisito

Iniciamos nosso encontro pedindo que você retome o guia da disciplina para começar essa nova etapa de trabalho.



INTRODUÇÃO

Na aula de hoje e nas que se seguem até a 14ª estaremos formalizando “conversações reflexivas” sobre a sua prática docente no campo em que se entrecruzam com a nossa prática de ensino.

Com isto estaremos “trocando figurinhas”, como se diz, de forma sequencial e ordenada na composição de um álbum. Agora, professor, é de você que os alunos receberão as orientações, as ajudas, os macetes, as informações, o estímulo e a afetividade que permitirá o desenho diário e constante das figurinhas que se refazem na jornada de cada um de nós.

Assim estaremos contando experiências, refazendo-as e registrando-as diariamente, expressando nossas mudanças.

A RELAÇÃO ENTRE O COTIDIANO PEDAGÓGICO E A REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS PRÁTICAS NAS ESCOLAS

Esta é uma **temática** atual e bastante ousada porque exige que, juntos, enfrentemos o desafio da **confiança mútua** à medida que será pensando, revivendo e organizando o cotidiano que você poderá ter a **visibilidade da Prática de Ensino** em diversas situações escolares.

Recomendamos que você tenha sempre o guia do aluno de Prática de Ensino I em suas mãos.

Ele é um mapeamento básico e necessário ao entendimento sequencial do curso.



Na prática pedagógica de professoras do Curso de Pedagogia não raros têm sido os momentos onde se entrecruzam nossos saberes com os de nossos alunos. O fato de a disciplina Prática de Ensino ser concomitante ao desenvolvimento de Estágio Curricular permite que os fatos vivenciados na escola sejam focalizados, analisados, criticados e comentados de forma reflexiva, em conjunto com os outros colegas e o professor. Isto nos possibilita rever coletivamente as situações da relação educacional posta em debate para a análise técnico-científica do ato de ensinar. São experiências que relatamos, são testemunhos que reforçam ou questionam nossa teoria.



DIFERENTES LINGUAGENS

São as múltiplas formas de expressão do pensamento que possibilitam melhor visualização e configuração da realidade pela escrita, pela oralidade, pelo movimento, pela imagem etc.

Deve-se considerar que, colocada a ênfase na fala do estagiário, é necessário que ele torne o fato o mais observável possível, recorrendo às **DIFERENTES LINGUAGENS** para fazê-lo visível a quem não o presenciou. Nessa oportunidade de múltiplos desdobramentos, o professor tem possibilidade de integrar as leituras e as teorias observadas no dia-a-dia com as diferentes técnicas de ensino.

Tal prática pedagógica é fundamental para o desenvolvimento da Prática de Ensino, não só por permitir e propor diferentes estratégias de aprendizagem como, e principalmente, por possibilitar rever o fato com o olhar dos outros colegas e do professor. A diversidade de olhares é necessária ao processo de interação e trocas simultâneas para a melhoria do desempenho individual na profissão.

Nesse entendimento instaura-se um movimento de articulação teoria-prática que contribui para ampliar as implicações da prática docente com a Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado.

Freitas (1995) lembra que é necessário romper com o eixo transmissão-assimilação para implementar uma metodologia calcada na vivência e na reflexão. Como assinala Martins (1989) “no fazer, gera-se o saber. Para obter uma mudança substantiva no processo de ensino – objeto do estudo da didática – não basta mudar o discurso sobre ele, distribuindo ao futuro professor uma nova visão desse processo; é preciso alterá-lo na prática, de modo que os agentes (futuros professores) vivenciem esse novo processo, reflitam sobre ele e o sistematizem coletivamente” (Martins, 1989, p. 175).

Nada de novo existe nesta nossa fala de hoje. Todos falam na interdependência entre a teoria e a prática, o ensino e a aprendizagem, a escola e a sociedade, a filosofia e a ação. Para visualizar a prática de ensino nessas diferentes relações do processo de ensino em sala de aula é preciso organizar as atividades de forma que o aluno aprenda, produza conhecimento e saiba usá-lo em sua vida, tornando-se mais consciente, mais participativo e autônomo em suas ações, e capaz de identificar suas potencialidades e reconhecer as dos outros.

Precisamos lembrar sempre que construção de conhecimento exige rompimento com o antigo, traz novas buscas sem a perda da referência. Marcando nossos passos, deixando nossos rastros, garantimos a nossa subjetividade, a nossa identidade e caminhamos juntos para uma realização.



Assim, ao longo de nossas vidas, vamos sedimentando imagens e significados fornecidos por nossa própria vivência nos encontros e desencontros forjados a partir das pessoas que nos cercam.

Defendemos a **educação centrada na argumentação**, como opção metodológica e epistemológica, com fundamento ético. Nesta constatação é preciso investir pesado, investigar em nossa própria história de vida as tantas e necessárias **oposições que fortalecem nosso argumento ou nos fazem mudar de posição**. Desta forma, vamos sedimentando imagens que captamos por nossa própria vivência, onde o exercício do magistério requer a consciência de que nos constituímos não só como indivíduo, mas como seres sociais dotados de uma memória coletiva.

Vale reler: *Narrativas de professores: leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica*, de Maria Teresa Assunção de Freitas (org). RJ: Ravil, 1998, p. 30.



MÍDIA

Conjunto de técnicas e meios socialmente escolhidos para transmitir e fazer circular as mensagens destinadas a um grupo.

FIGURINHAS

Representação gráfica dos fatos vividos, desenhados e registrados nas múltiplas linguagens.

Você se recorda (Aula 3) do “brincar de memória”? É um exercício que nos faz descobrir e valorizar, segundo o interesse e os “achados” de cada um, as informações evidenciadas nas diferentes **MÍDIAS**.

Resulta disso uma outra forma de abordar e organizar os conteúdos dos programas identificados com a vida cultural e focalizados conforme as trocas de experiências trazidas nas **FIGURINHAS DESENHADAS** que cada um traz para trocar.

Sabemos que neste momento mil imagens vêm a sua mente! Dentre elas, talvez estejam estas figurinhas:

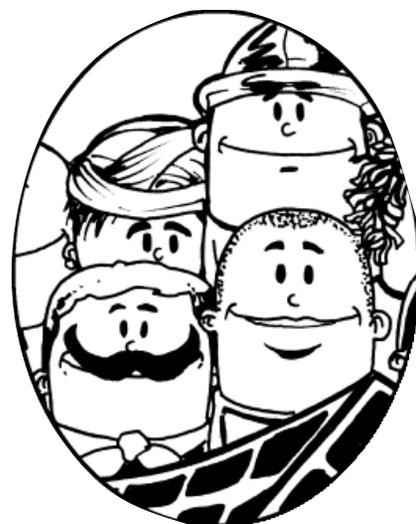
- Cada um de seus alunos, individualmente, e também nos grupos que compõem;
- Os pais de seus alunos, tantas vezes ausentes às reuniões;
- A direção, seus colegas professores, demais profissionais de sua escola e o conselho de classe;
- O recreio, a televisão, os livros, a sala de leitura, a feira de ciência;
- O projeto político pedagógico em sua complexidade.

E daí vem a “teoria” ou a “filosofia” para dar **visibilidade** à **Prática de Ensino** que se expressa como:

- Conteúdos construídos coletivamente;
- Complexidade de saberes que se cruzam;
- Representações sociais e identidade;
- Acompanhamento constante do processo ensino-aprendizagem.

É preciso lembrar que a avaliação assim compreendida exige parceria, aceitação e ajuda na superação das dificuldades para avançar no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, podemos dizer que o aluno reflete o trabalho do professor em sala de aula na multiplicidade de suas identidades.

Fica proposto um desafio da avaliação possível com a visibilidade da Prática de Ensino.



RESUMO

Nesta aula vimos:

- a importância do cotidiano escolar para a reflexão crítica do professor na sua ação docente;
- a relação que se estabelece entre o cotidiano escolar e a prática docente dos professores;
- a visibilidade da Prática de Ensino ao alcance do professor – seu interesse em ouvir, ver, sentir, rever e reorganizar o seu cotidiano pedagógico através das diferentes oportunidades que surgem nos saberes compartilhados entre professores e alunos.

EXERCÍCIOS



1. Observe, em seu dia-a-dia, oportunidades em que diferentes saberes de professores e alunos se cruzam na sala de aula.
2. Procure registrar como, quando e onde isto já aconteceu em seu cotidiano escolar.
3. Selecione e guarde imagens que retratem esse cotidiano e podem compor o mural didático.

AUTO-AVALIAÇÃO



Se você, professor, se propõe como nós a uma prática de ensino que se estabelece na relação entre seu cotidiano escolar e sua prática docente, precisa refletir sobre os diferentes saberes que se cruzam no seu cotidiano pedagógico e que revelam a interdisciplinaridade percorrendo o caminho a seguir:

- Você conseguiu registrar com facilidade as situações solicitadas no exercício?
- Foram muitas as situações nas quais você pôde perceber a interdisciplinaridade entre diferentes saberes?
 - Em caso afirmativo, pense nos benefícios que estas atividades trouxeram aos seus alunos e à sua prática docente.
 - Em caso negativo, pense nas possibilidades de planejar atividades com esta característica. Será que essas atividades trazem ganhos aos alunos? Quais você poderia apontar?

Lembre-se de que no pólo há sempre tutores disponíveis que poderão orientá-lo em suas dúvidas.



AGENDA DIDÁTICA

Aula 8 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Visibilidade da Prática de Ensino – fazeres que se entrecruzam. Como? Por quê? Para quem?

AULA 9

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Compor um arquivo de imagens do cotidiano selecionadas por você e seus alunos.
- Utilizar-se deste arquivo para organizar as imagens selecionadas de acordo com os diversos significados de cada uma delas.

Pré-requisito

Se você ainda não atingiu a visibilidade da Prática de Ensino como consequência da reflexão sobre o seu cotidiano, retome a aula anterior.



INTRODUÇÃO

O mundo com o qual nos confrontamos é organizado por nossos modos de representação. O acesso a essa realidade consiste, portanto, na leitura ou interpretação que dela fazemos.

(Maria Tereza de Assunção Freitas)

Agora que avançamos mais um pouquinho, você poderá visualizar o quanto já aprendeu. Construiu coletivamente junto a seus alunos “um saber sem notas”, mas com muita preparação, com muitos recursos compartilhados. Será que percebeu agora o sentido do “sem nota”? Os saberes compartilhados não precisam de nota, são notáveis! Não requerem exames, provas, promoção e repetência, porque não se “referem” a sucesso e fracasso, a prêmio, a punição ou castigo. Assim, você “viu” a Prática de Ensino como sendo uma dinâmica constantemente modificada como consequência da relação entre o cotidiano pedagógico e a reflexão crítica sobre as práticas nas escolas.

Quando pensamos desse jeito, a atividade educativa não tem por meta atribuir notas, e sim atingir uma série de objetivos que se traduzem em termos de mudanças de comportamento dos alunos.

Por consequência das condições criadas para que haja um desenvolvimento integral da personalidade e não apenas aquisição de conhecimentos e de informações, verificam-se hábitos e habilidades de convívio social e constata-se a evidência de atitudes e interesses observados nas múltiplas dimensões da conduta humana (Haydt, 2000).

Tal proposta que inclui a reflexão da própria prática pedagógica provocando o entrecruzamento de fazeres dos alunos e dos professores presentes no espaço da sala de aula.

FAZERES QUE SE ENTRECruzam.COMO? POR QUÊ? PARA QUEM?

Sabemos que é difícil e inseguro o processo de se pensar em si mesmo como parte de uma totalidade, ou seja, da sala de aula. Por isso, torna-se comum os professores concentrarem a observação sobre seus alunos, seu aprendizado em sala de aula, sem se incluir nesse processo interativo, isto é, “professor-sujeito singular, numa relação singular, professor-aluno, num espaço de tempo singular” (Axe e Maraschin, 1997, p. 58).

Assim, os modelos de docência tendem a não incluir o professor como parte dos sujeitos que vivenciam e transformam esse espaço de aprendizagem.

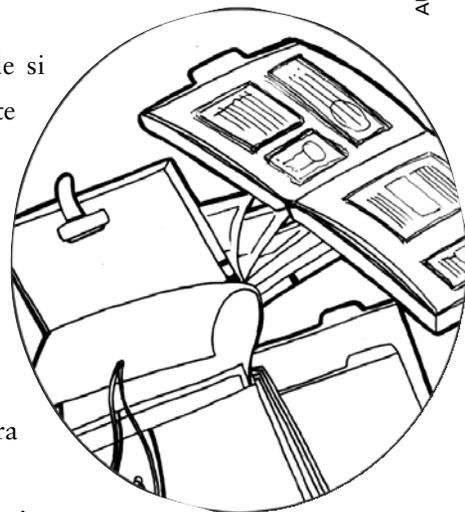
Indagamos o porquê de os professores se esquecerem de si mesmos no espaço da sala de aula, onde são sujeitos constantemente observadores e observados, críticos e criticados, avaliadores e avaliados tanto quanto seus alunos.

Para assimilar e visualizar de maneira objetiva as tarefas de estudar, pesquisar e analisar, precisamos avaliar a abordagem utilizada por nós, professores, num processo em que os nexos entre o saber e o fazer se entrecruzam na ação pedagógica. Por isso, sugerimos a organização de um arquivo como preparação para compor o álbum de imagens de seu cotidiano.

Sabemos que a consciência, o entendimento e a expressão têm existências quando damos um significado às palavras, aos desenhos, aos esquemas ou a tantas outras formas de manifestação hoje caracterizadas como múltiplas linguagens.

Você pode estar se perguntando o como e o porquê da composição de um álbum didático e de sua utilização em sala de aula. Entretanto, veja que você já possui as “figurinhas” desse álbum. Elas estão tanto nas **MÍDIAS** quanto no caderno de exercício de seus alunos, apenas esperando que você dê um destaque “artístico” que estimule a reflexão de sua prática docente. Chamamos também sua atenção para o que nomeamos como **TEXTOS IMAGÉTICOS**: àqueles nos quais a percepção, a interpretação e a visualização extrapolam as palavras.

Relendo os objetivos desta aula, pode-se verificar como fazer um portfólio ou um álbum didático, por exemplo, viabilizando uma proposta metodológica, pondo em ação conteúdos que permitem uma metodologia interativa.



MÍDIAS

Artigos de jornal, revistas, letras de músicas, poemas, histórias em quadrinhos, fábulas, pinturas, esculturas, filmes, vídeos.

TEXTOS IMAGÉTICOS

Fotografias e imagens, quadros, estátuas, *posters* ou *outdoors* com significado social. Comumente ouvimos a expressão: **uma imagem vale mais que mil palavras.** O texto imagético se torna mais significativo na medida em que respeita as singularidades das interpretações.

POR QUE UM PORTFÓLIO?

- Para melhorar a dinâmica em sala de aula e auxiliar as crianças a aprenderem com mais eficiência, produzindo um registro dessas aprendizagens.
- Para valorizar diferentes leituras nas diferentes oportunidades no cotidiano.
- Para recorrer a avaliações individualizadas que fogem à padronização de teste e provas.
- Para acompanhar o crescimento individual de seus alunos e visualizar os grupos dos quais eles fazem parte.
- Para visualizar um produto do trabalho do professor em sala de aula.

Nosso propósito é que você possa construir este recurso didático, passo a passo, complementando seu processo de aprendizagem ao longo deste curso.

Esse processo contínuo de montagem propicia diversos tipos de vivências, envolvendo o aluno, você e a comunidade da seguinte forma:

- a instrução individualizada e participativa na construção de sua própria aprendizagem;
- o desenvolvimento profissional contínuo para você, professor, e seus colegas;
- a participação da família e demais membros da comunidade no currículo escolar;
- a proposta de um **PRODUTO PEDAGÓGICO** que possibilita a visibilidade das aprendizagens realizadas em sala de aula.



PRODUTO PEDAGÓGICO

Forma de registrar as aprendizagens realizadas no decorrer das aulas.

A seguir, mostramos um recurso didático que facilitará o começo de visualização desse processo.

Figura 9.1

Temática das aulas	Conteúdos dos programas	Recursos midiáticos
Novos desafios para a Prática de Ensino	Panorâmica da Prática de Ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento bibliográfico; • Seleção de textos, artigos de revistas, poesias, letras de música; • Filme <i>Nenhum a menos</i>; • Texto imagético.

INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDOS

Talvez as **Figuras 9.1 e 9.2** sejam um instrumento pensado para a visualização da Prática de Ensino, expressa na seleção dos **RECURSOS MIDIÁTICOS**. Esses recursos correspondem às expressões das diferentes práticas sociais postas em análise para o entendimento dos fazeres pedagógicos de seu cotidiano.

Por sua vez, o álbum, em virtude de sua forma de construção, possibilita a visualização do conjunto das aprendizagens, por se compor da seleção de elementos como fotos, recortes de jornal etc. **Tais recursos expressam as práticas cotidianas que trazem o entendimento dos fazeres pedagógicos.**

A partir desse raciocínio você terá condições de **construir um mapa** que lhe permitirá a montagem de seu álbum didático. Para tanto é necessário romper com o modelo tradicional de ensino, no qual o professor busca transmitir suas interpretações para o aluno.

Destacar do trabalho desenvolvido até hoje, em parceria com você, as temáticas, os conteúdos programáticos e os recursos utilizados foi um desafio que enfrentamos para **valorizar o registro das aprendizagens realizadas.**

Romper essa tradição não depende de nós. Depende de você **registrar a sua prática**, dar sentido ao dia-a-dia, rever com seus alunos as imagens selecionadas das diversas situações vividas na escola, ou em outros espaços culturais. Com isso, estaremos **realizando contínuas avaliações das aprendizagens**, realizadas em conjunto e priorizadas nos conteúdos a serem trabalhados.

Esta pode ser uma possibilidade de avaliação que supera os enquadramentos paradigmáticos das relações dicotômicas de bom/mau, certo/errado, ordem/caos, singularidade/pluralidade, presentes nas tradicionais teorias de avaliação. Sabemos que mudar a avaliação é uma forma de mudar a escola.

Temos certeza de que o fato da Figura 9.1 só ter aparecido agora, se justifica: é que você já deve ter feito, como de costume, suas anotações, seus registros, seus resumos, seus estudos e quem sabe até algumas das tarefas sugeridas nas aulas anteriores.



RECURSOS MIDIÁTICOS

Conjunto de técnicas e meios socialmente escolhidos para transmitir e fazer circular as mensagens destinadas a um grupo.

A seguir, uma proposta de organização desse material.

Figura 9.2

Temática	Conteúdo	Atividades	Recursos midiáticos
A cidade onde moro (Rio de Janeiro) conteúdo de seu programa	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento bibliográfico; • Seleção de textos, filmes, vídeos; • Produção de texto imagético etc. 	<ul style="list-style-type: none"> •.Postal do Cristo Redentor; • Redação dos alunos; • Foto da escola, de suas casas; • Narrativas sobre a escola; • Fotos do bairro, da cidade do Rio de Janeiro etc.

MAPA DE INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDOS

Gostaríamos de estar junto a você para ver a **forma** como organizou esse material, principalmente porque isso tem implicações com a **quantidade** e **qualidade** dele, interferindo nos processos relativos a uma metodologia interativa proposta pela construção do álbum didático (fase inicial do Portfólio)

Com a ajuda do Mapa de Integração de Conteúdos (Figura 9.2), você poderá ter uma base para fazer o seu álbum didático.

ALGUMAS “PISTAS” PARA ESTA FASE...

- junte suas anotações soltas;
- visualize-as em seqüência;
- observe se há relação entre elas;
- agrupe-as por temáticas relativas ao seu programa;
- organize-as seqüencialmente de acordo com suas aulas;
- visualize seu álbum didático.

Não se esqueça da importância das **imagens**, elas não só trazem “beleza” à apresentação de seu trabalho, como também revelam sua sensibilidade para visualizar a Prática de Ensino.

MAS, PRECISAMOS REGISTRAR...

Adotando esse procedimento, transformaremos nossas aulas em oficinas de idéias, laboratório de linguagens, dramatização, possibilitando a constante construção, e/ou reconstrução dos saberes – metodologias interativas que possibilitam a visualização de novos fazeres na construção e na apropriação do conhecimento.

RESUMO

Esta aula focalizou:

- a construção coletiva dos fazeres que se entrecruzam de forma interdisciplinar;
- o processo interativo na sala de aula: ser sujeito singular, num espaço e tempo singular, na relação professor–aluno;
- a crítica ao esquecimento de si mesmo como sujeito da própria ação e suas conseqüências na construção dos saberes pedagógicos;
- a limitação dos modelos tradicionais de avaliação que fragmentam os diversos momentos de aprendizagem na sala de aula;
- a metodologia interativa proposta como procedimento específico para romper com os modelos tradicionais preestabelecidos, valorizando a subjetividade e a singularidade nas ações cotidianamente observadas.

EXERCÍCIO

Escolha duas ou três temáticas do conteúdo de seu programa como base para o preenchimento do **mapa de Integração de Conteúdos**. Mãos à obra!

REFLEXÃO

O trabalho desta aula culmina em processo que seqüencialmente você vem realizando durante as aulas desse curso. Embora contestar uma prática convencional represente um desafio constante, adotando os procedimentos sugeridos no mapeamento, você vivenciará práticas avaliativas e construídas simultaneamente, que por si mesmas poderão mostrar a eloqüência de uma aprendizagem notável.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 9 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Caracterização dos instrumentos da Prática de Ensino – a sala de aula conectada com a realidade: um encontro possível

AULA 10

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Rever o papel do professor nos dias de hoje.
- Discutir a introdução da Informática e da Telemática na educação.

Pré-requisito

Recomendamos uma nova leitura da Aula 9. Você reforçará a idéia da prática docente convencional, como algo que precisa ser repensado pelo professor, levando-o a aceitar outras propostas de atuação por meio de novas metodologias interativas.



INTRODUÇÃO

Na escola, como em qualquer outro lugar, a tecnologia, por si só, não promove mudanças. Estas (...) são promovidas por pessoas.

(Chaves, 2000, p. 34)

Nesta aula e nas duas próximas, trataremos dos múltiplos cenários das salas de aula da atualidade.

Temos falado, exaustivamente, em globalização e, com isso, deixado de lado a dimensão interativa da sala de aula.

Segundo Piaget e Vygotsky, fica evidente que a cooperação intelectual em torno de um problema comum é fator fundamental no processo de desenvolvimento escolar. As trocas entre pessoas – adultos e crianças, crianças e crianças – são incentivadas, na medida em que resultam da experiência humana, em conhecimento do outro e em conhecimentos construídos em conjunto. Tal concepção põe em evidência a ação coletiva na formação do **PATRIMÔNIO SOCIAL**, composto pelos saberes diversificados e pluralizados por grupos sociais a que o indivíduo pertence.

Este novo paradigma aponta para a valorização da subjetividade dos diferentes sujeitos da educação, assim como a singularidade de suas ações, até então pouco exploradas pelo professor em sala de aula. Nossa abordagem de mediação pedagógica propõe uma ampla revisão do papel do professor nos dias de hoje.

Nesse sentido, fica em destaque o enfoque interacionista de construção do ser humano. Assim, não resta a menor dúvida de que essa abordagem da aprendizagem dá ênfase ao conhecimento como produto da interação que leva ao sucesso escolar. A apropriação desse conhecimento promove conquistas que são realizadas na trajetória social e individual que se expressam numa realidade compartilhada.



PATRIMÔNIO SOCIAL

Produto interpessoal que se verifica pela ação educativa.

MAGIA E ARGUMENTAÇÃO NA SALA DE AULA

Diversas abordagens teórico-práticas têm sido apresentadas aos professores, numa tentativa de se repensar os modelos de ensino tradicional e estabelecer uma nova proposta de aprendizagem e de pesquisa, mediada pela comunicação pedagógica.

Pode, em princípio, parecer que nada de novo existe além da persistência do discurso da novidade em seu **encantamento mágico**.



Retomar nossa Aula 5, em que discutimos os múltiplos sujeitos da educação: a subjetividade de professores e alunos.

Entretanto, se mais lenta e profundamente caminhar em nossas reflexões, veremos o quanto o entendimento e a aceitação dos **diferentes sujeitos** da educação desestabilizam a escola e trazem ao professor outras incumbências para as quais ele não está preparado e, muito menos, alertado.

O que você entende como encantamento mágico?
De que maneira você percebe esse encantamento mágico na Prática de Ensino?



Pense em como é difícil valorizar a **subjetividade** do outro, quando esta não entra em **sintonia** com a nossa e por isso pensamos de forma **diferente**. O mesmo acontece em sala de aula entre você e seus alunos?

Reconhecer que o outro pode ter uma resposta melhor do que a nossa, saber expor-se e argumentar com clareza e sensibilidade são exercícios de consciência. No entanto, o uso da autoridade, do comando e da coação são práticas ainda utilizáveis nos dias de hoje e altamente questionáveis.

Em sala de aula, você sabe o quanto é difícil tentar “ganhar no grito”, vencer pela pressão ou coação na exorbitância do mando. Como se diz no saber popular: “ganhamos a batalha, mas perdemos a guerra”. O tacape, o canhão e os mísseis têm perdido para a “argumentação”. É a conversação entre países que decide a guerra ou o terrorismo. O terrorismo é uma “contra-argumentação” de guerra, do poderio econômico, da globalização galopante nas mãos da mídia. Basta lembrar o “ataentado de onze de setembro”, marco abrupto que deixou sem resposta a potência inexpugnável, abalada pelo número de mortos e pela derrubada do troféu das duas torres, símbolo do progresso ocidental.



As diferentes mídias, presentes nos encontros pedagógicos, merecem sua atenção pela amplitude da prática pedagógica.



De tudo que você lê, ouve, fala e trabalha com seus alunos, fica a compreensão do longo alcance da sala de aula, **uma dimensão sem limites**. É um espaço de relações entre professor, aluno, pai, diretor ou o mais simples auxiliar, que recebe e pluraliza a contribuição de cada um.

O campo educativo, assim concebido, é bastante vasto, porque inter-relaciona a família, o trabalho, a fábrica, a política, a sociedade como um todo e também os meios de comunicação.



Enfatizamos, neste momento, as diferentes manifestações e modalidades da prática educativa, cada vez mais ampliada e assistemática. Dessas influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, resultam conhecimentos, experiências e práticas, nem sempre ligadas diretamente à instituição escolar. Entretanto, é a ação pedagógica que dá uma direção, um rumo às práticas sociais, tornando-as educativas conforme o interesse e os valores de cada cultura veiculados pela mídia, vivenciando em cada grupo.

Surge, então, a necessidade de se refletir, cada vez mais, sobre a interação social, a construção do conhecimento e a ação das mídias na sala de aula, e o porquê de se instituírem novas metodologias e técnicas docentes referenciadas à **MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA**.

A metodologia, assim concebida, mostra-nos que essa mediação se realiza entre diferentes áreas do conhecimento e da prática, em situações nas quais se aprende algo. Em todo o processo pedagógico, a mediação se faz necessária porque facilita o diálogo entre professor e alunos.

Em educação, já nos acostumamos com os “modismos”, as expectativas criadas em torno das novas tecnologias e seu investimento alardeado como possibilidade de soluções rápidas nos rumos da educação.

Professor, o que propomos nesta aula é que você faça uma reflexão sobre o investimento tão propalado em tecnologias telemáticas de alta velocidade e sua real função de conectar alunos e professores.

Até que ponto tais investimentos poderão afetar realmente o desenvolvimento educacional? Como concebê-los? Máquinas de ensinar ou **FERRAMENTAS DE APRENDER**? E você, professor, como se vê em relação a estas questões? Que possibilidades e limites existem em sua perspectiva de construir novas propostas? De que forma a nossa relação com o computador pode afetar o modo como aprendemos, ensinamos e pesquisamos?



MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

Chamamos de **mediação pedagógica** o “procedimento” que torna possível o ato educativo: o tratamento dos conteúdos e formas de expressão dos diferentes temas abordados.

FERRAMENTAS DE APRENDER

Recursos utilizados para a formação de conceitos.

Na escola, como em qualquer outro lugar, a tecnologia, por si só, não promove mudanças. Estas (...) são promovidas por pessoas. (Chaves, 2000, p. 34).



COMPUTADORES: O QUE FAZER COM ELES?

Nossa reflexão sobre o uso da tecnologia, especialmente de computadores, na educação diz respeito ao seu uso **generalizado nas escolas**. O professor Eduardo Chaves (2000, p. 32), em seu artigo “Um encontro possível entre o professor e a tecnologia”, ressalta que o maior obstáculo não é o custo do equipamento, de software adequado, da dificuldade técnica em se capacitarem professores para o uso dessa tecnologia. Ele nos chama a atenção para a real dificuldade: o fato de que os educadores **não conseguem entrar em um acordo sobre o que fazer com o computador na escola**.

Nossa análise recai sobre as **DIFERENTES VISÕES** que os professores têm sobre a educação, qual o papel da escola e, conseqüentemente, o seu nesse processo. Dessa forma, torna-se difícil definir o papel do computador na sala de aula, na escola, na educação.

Presenciamos uma **revolução tecnológica**, tornando-se clara a necessidade de preparar professores, não somente para o uso do computador, mas essencialmente para pensar a sua relação com a aprendizagem e a possibilidade de inclusão de novas **METODOLOGIAS DIGITAIS** em sala de aula.

O desafio consiste em **saber utilizar diferentes linguagens**, necessárias para sobreviver no mundo do trabalho na atualidade, não apenas lidando com as novas exigências tecnológicas, mas, principalmente, **sabendo produzir e manipular as informações de acordo com seu posicionamento crítico diante da realidade social** (Kenski, 2002, p. 74).



DIFERENTES VISÕES

Possibilidades teóricas que na prática trazem a multiplicidade de usos do computador na educação.

METODOLOGIAS DIGITAIS

Nelas, a sala de aula passa a ser um lócus privilegiado como ponto de encontro para acessar o conhecimento, depurá-lo e transformá-lo (Moran, 2000, p. 75). Nessa metodologia inovadora, o computador é visto como ferramenta no processo de aprendizagem.

Ao voltarmos nosso olhar para a importância das **metodologias interativas** perceberemos o papel do professor nos dias de hoje: acompanhar o processo e as experiências de uns garantindo aos outros o acesso às tecnologias.

Na formação de professores, observamos esta nova realidade de situações extremas: alunos que já possuem conhecimento tecnologicamente avançado e acesso pleno ao universo de informações digitais e outros que se encontram em total exclusão tecnológica, sem oportunidade para vivenciar e aprender nesta nova situação.

Para que se possa realizar essas tão desejadas transformações, o professor precisa saber lidar criticamente com as tecnologias contemporâneas de informação e de comunicação, utilizando-as pedagogicamente, ajudando os alunos a desenvolver suas competências.

Todos esses comportamentos desafiadores, decorrentes da integração das novas tecnologias digitais ao ambiente educacional, impõem mudanças estruturais à organização docente e às formas de ensinar, aprender e pesquisar. Com isso, pretende-se “que cada um aprenda a compreender o mundo, pelo menos na medida em que isto é necessário para viver dignamente, para desenvolver suas capacidades profissionais, para comunicar (...) o prazer de compreender, conhecer e investigar com essas metodologias” (Delors, 1998, p. 91).



Voltamos aqui ao desafio inicial desta aula: de que forma as novas tecnologias podem auxiliar o professor na sala de aula?

Pensamos no professor como aquele profissional que tenha, em sua

prática, uma nova forma de fazer e pensar a educação mediada pelas tecnologias digitais. Acreditamos que apontar caminhos pode ser uma utopia, mas que proporcionará a cada professor o conhecimento de sua

realidade de ensino, possibilitando o processo de mudança. Sabemos que você está consciente disso e pensa como nós – o professor precisa estar preparado para auxiliar seus alunos a lidarem com inovações e analisarem situações complexas e surpreendentes, percebidas não só pela sensibilidade tátil, visual, auditiva, gustativa e olfativa, mas principalmente pela complementariedade delas, desenvolvendo sua imaginação criadora.

Entre os novos e inesperados desafios apresentados no ensino pelos ambientes digitais, há o que já é chamado de cultura **PÓS-ALFABÉTICA**, decorrente da crescente velocidade dos ambientes digitais.



PÓS-ALFABÉTICA

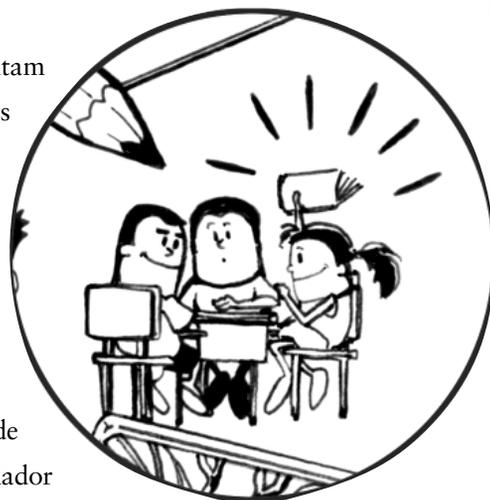
Na cultura pós-alfabética chamamos atenção para os contrastes ambientais entre a escrita no papel e a escrita na tela.

Nesta nova realidade, são enunciados, por alguns cientistas e tecnólogos, o fim da “Galáxia de Gutemberg” e o início de um novo tempo, caracterizado como o “Milênio da imagem”.

De acordo com Kenski (2001), as imagens se movimentam no rastro da luz. Imagens-textos que se deslocam mais rapidamente que o tempo, confundem passado, presente e futuro e alteram percepções e sensibilidades humanas.

Esta aula procurou levá-lo a refletir e a realinhar sua prática pedagógica, no sentido de criar possibilidades cooperativas de aprendizagem – professor e alunos aprendendo juntos.

A próxima aula dará continuidade a nossa proposta de “docente inovador e reflexivo”, um profissional criativo, articulador e, principalmente, parceiro de seus alunos no processo de aprendizagem.



RESUMO

Esta aula discutiu a necessidade de rever o papel do professor nos dias de hoje, mostrando como é importante o processo interativo em seu cotidiano pedagógico. Nela, constatamos a importância da mediação pedagógica como procedimento que torna possível o ato educativo pela relação que se estabelece entre professor e alunos. Destacamos o avanço das tecnologias telemáticas e sua função de conectar alunos e professores com a realidade. Finalizamos com a discussão sobre a possibilidade e a necessidade do encontro entre o professor e a tecnologia contemporânea.



EXERCÍCIOS

1. Selecione dois textos em que você possa identificar o papel do professor em relação às novas tecnologias.
2. Procure utilizar em sua pesquisa jornais, revistas e imagens.
3. Faça sua análise crítica sobre eles registrando e arquivando seu trabalho escrito.



REFLEXÃO

Pense sobre o papel do professor nos dias de hoje com a introdução da informática na educação. Você pode identificar como o uso das tecnologias contemporâneas de informação e comunicação precisam ser utilizados criticamente no campo pedagógico? Então, você pode seguir adiante na busca de novos instrumentos utilizados na prática pedagógica.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 10 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

A sala de aula conectada à realidade: evidências pedagógicas

AULA 11

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Reconhecer a importância das alternativas teóricas discutidas na Prática de Ensino.
- Exercitar conscientemente a prática docente trabalhando as metodologias representadas nos diferentes recursos didáticos.

Pré-requisito

Para compreender melhor esta aula é preciso que você pense na sua prática pedagógica iniciando essa proposta de transformação relativa ao uso do computador na sala de aula.



INTRODUÇÃO

Não só devemos manter vivas as teorias alternativas por meio de sua discussão, como devemos preocupar-nos sempre que houver alternativas – sempre que uma teoria dominante tornar-se exclusiva...

(Karl Popper)

Vivemos um momento privilegiado na educação brasileira. Parece que a sociedade está disposta a compreender que a educação se define como a constante elaboração de experiências de vida, gerando conhecimentos indispensáveis ao enfrentamento de situações adversas que ameaçam a sobrevivência humana.

Assim, educar e educar-se é uma condição humana. Educar em nosso tempo instiga a reflexão sobre temas como o processo de globalização, integra os sistemas financeiros, econômicos e políticos das diferentes nações. Este cenário se torna cada vez mais interdependente e inter-relacionado e, ao mesmo tempo, mais dependente de uma ação política voltada à educação.

EVIDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA SALA DE AULA



EDUCAÇÃO REFLEXIVA

Exige um professor reflexivo: aquele que pesquisa sua própria prática, fazendo uma leitura integrada do outro e de si mesmo. Educar educando-se.

RACIONALIDADE FILOSÓFICA

Quando falamos sobre racionalidade filosófica, nos referimos à existência de paradigmas educacionais contemporâneos que diferem das tradicionais concepções éticas de cada cultura.

Vencer a rotina tradicional do uso de recursos didáticos é uma tarefa difícil para nós, já que não adotamos qualquer modismo. Aceitar o novo somente pela mudança é uma paixão que atrai a maior parte dos seres humanos. Rupturas, mudanças, novidades caem bem em nosso cotidiano, tão atropelado e saturado de idéias. Por isso, poucos são os que olham e enxergam na mudança um sentido conscientemente escolhido conforme os valores pessoais que dão significado ao comportamento assumido.

Visualizamos um contexto de incongruências, incertezas e perplexidades, que emergem dando vez a um novo sentido para a escola. O que se espera é uma escola vivida em seu cotidiano e dimensionada em um projeto político-pedagógico, propiciando o que chamamos de **EDUCAÇÃO REFLEXIVA**.

Surge, então, uma nova **RACIONALIDADE FILOSÓFICA** que permite a estratégia de ampliação democrática do acesso à educação de qualidade.

O processo de mudança na atualidade atinge a todas as instituições e, como sabemos, em especial a educação e o ensino nos diversos níveis, inclusive na preparação técnica e no acesso à universidade. Essa mudança exige por parte da população um constante aprendizado, um pensar permanente, uma vontade de agir.

As pessoas precisam ser alertadas para aprender ao longo da vida, intervindo, adaptando-se e criando novas formas de atuação no cotidiano. É preciso que se considere o aluno em todos os momentos nos quais interage com diferentes pessoas e situações escolares.

Pessoas, professores, profissionais que dia a dia se deparam com crianças no espaço escolar trazem oportunidades concretas de sobrevivências de situações contextualizadas e formas específicas de condicionamentos culturais e locais.

Uma intervenção efetiva na sala de aula tem início na melhor visibilidade do contexto pedagógico e nos mais diferentes fatos em que duas culturas em ação se entrecruzam: a dos professores e a dos alunos.



As mudanças desencadeadas pela **sociedade do conhecimento** têm desafiado a escola fundamental que, desse modo, precisa oferecer uma educação compatível com as necessidades deste momento histórico.

As exigências da economia globalizada afetam diretamente a formação dos profissionais em todas as áreas do conhecimento, especialmente, a formação de professores.

Nos parâmetros curriculares e nos temas transversais, encontramos diretrizes para que os professores possam ajudar seus alunos. Dessa forma, os professores entram em ação para que não fiquem limitados ao papel passivo de escutar, ler, decorar e para que não ajam como repetidores fiéis dos ensinamentos recebidos, tornando-se críticos e criativos, pesquisadores e atuantes, produzindo conhecimentos indispensáveis à sociedade atual.

É neste cenário de inconstância, incerteza e perplexidade que emerge o novo sentido da escola, escrita historicamente com êxitos e fracassos:

A escola que se quer reflexiva e emancipadora é também uma escola vivida cotidianamente, dimensionada em seu projeto político-pedagógico-curricular, entendido aqui como elemento de organização do processo educacional que nela ocorre.

(Brzezinski, 2000, p. 65)



Ver Lei de Diretrizes e Bases da Educação-
Lei nº 9394/96.

Surge, então, essa nova racionalidade que se alicerça na **sociedade do conhecimento**. Esse **conhecimento**, além da **informação** e do **saber** é a **matéria-prima** que se veicula e se transforma na **reflexão** entre professor e alunos, mas que se expande e extrapola a **sala de aula**. Pensemos juntos sobre nossa observação na escola.

Quando pensamos numa sociedade do conhecimento, valorizamos o criar, o conhecer e o sentir como expressões básicas de patrimônio intelectual a ser preservado socialmente. O conhecimento se torna um valor econômico para o funcionamento da sociedade.



Será que um novo arranjo físico da sala de aula, com cadeiras em círculos ou agrupadas em pequenas rodinhas, favorece mesmo maior ou melhor veiculação da informação e um saber mais autêntico? Será que o professor dá voz e vez ao aluno ou permanece com o poder da fala? Será que o registro da trajetória de aprendizagem do aluno tem representado a expectativa de êxito do aluno?

É provável que você, ao ler esta aula, (re)veja a sua sala de aula, a escola onde você leciona e visualize seus alunos junto a outros de outras turmas. Em sua memória, estarão também os mais faltosos, os que pouco aparecem nas aulas, por muitas razões, assim como os que não entram na escola, seja por desinteresse ou por falta de vagas.

No papel, o projeto político-pedagógico da sua escola inclui certamente, a todos, mas exclui grande parte por culpa das metodologias utilizadas e da organização curricular altamente questionável.

Inicie agora sua proposta metodológica de sala de aula conectada à realidade percebida por você.

Lembre-se de que o trabalho da escola vai além do ensinar, proporcionando ao aluno oportunidade real de aproveitamento das situações vivenciadas fora da escola e nela discutidas e repensadas.



E como enriquecer o currículo da escola com o “currículo da vida”, ou seja, a vivência de cada um? Como identificar e reconhecer as singularidades dos novos sujeitos da educação, que deixam de ser objeto de metodologias escolares e passam a intervir na construção coletiva de seus próprios conhecimentos?

Este é o desafio de hoje para nós. São tantas as questões que se prendem a tantos nós que precisamos desatar, sem que se rasgue o tecido antes de construí-lo. Todos nós temos experiência nisso.

No parágrafo anterior, você percebeu que a expressão nós foi usada com sentidos diferentes, na intenção de jogar com “palavras escritas da mesma forma com significados tão diferentes...” **Com isso, articulamos o pensamento num jogo de diferentes linguagens.**

Neste jogo não há somente regras pessoais, como também geracionais. São pais, avós, parentes e padrinhos que se revelam em cada forma de atuar e de levar adiante um novo plano de vida, de educação, de trabalho, de lazer...

Em que o gesto ético revela a tradição de uma história pessoal. História que se faz de um passado vivido, desejado ou inventado, pela família, pela tradição ou pelos grupos de amizade que se formam na trilha de valores e nas crenças semelhantes.



Você notou que procuramos dialogar usando fatos do seu cotidiano e sobre ele refletir? Com essa nossa "conversa", estamos praticando o desenvolvimento de um processo contínuo de aprendizagem com base na experiência de vida.



Tudo que até hoje temos estudado em nossas “conversas de aula” nos faz entrar em discussões sobre as práticas pedagógicas possíveis além da escola, definindo um movimento de mão dupla na aprendizagem, na pesquisa e no ensino. Esta mão dupla, muitas vezes, tem sido a “contramão” do aluno ou dos outros que nunca se encontram, porque estão sempre em eterno desencontro apegados as suas diferenças pessoais. São sempre os outros que estão na contramão...

Sua experiência mostra que inúmeras aprendizagens não ocorrem durante a aula, ou no espaço da escola, mas precisam ser apresentadas, discutidas e repensadas, para que o enfrentamento dos obstáculos na sobrevivência e na aprendizagem sejam menos traumáticos e dolorosos, trazendo à vida mais sabor, mais prazer e felicidade.



Talvez, neste momento, você esteja revendo as várias situações de tristeza e de alegria que formam a sua existência. **Tente memorizar** onde esses fatos ocorreram e o quanto de emoções eles deixaram em você. **Exercite essa reflexão.** Guarde esta provocação para o momento do exercício, quando houver disponibilidade de pelo menos vinte minutos para escrever.



MEMORIAL

Relato de experiências valorizadas por você ao longo de sua vida.

Lembre-se: quem não consegue visualizar suas idéias e colocá-las no papel, certamente terá dificuldade em desenvolvê-las de forma organizada e projetada. Quem não redige o problema tem mais dificuldade em resolvê-lo.

É provável que você já tenha escrito outras vezes, sobre você mesmo ou até possua um **MEMORIAL**. Nesse caso, procure refazê-lo.

Com tudo isso, observamos uma mudança na educação que produz frutos em múltiplos ambientes escolares e traz novas institucionalidades, partilhando, dessa forma, a responsabilidade por uma sociedade mais justa, mais participativa e mais cidadã.

Veja que projetos sua comunidade de bairro tem apresentado.

Pense em como a igreja atua através das pastorais.

Como as universidades interagem com as escolas de Ensino Fundamental?



Dessa forma, a escola é convocada a formar parcerias com outras organizações, com outros grupos que se proponham a desenvolver o lazer, a segurança, a religiosidade e a saúde, com as lideranças representativas como sindicatos, associações de classe, câmara e senado e também a administração local.

Talvez estejam em sua memória os vários projetos e oportunidades em que teve de participar ativamente, em sua comunidade, atuando em grupos diferenciados. Pare sua leitura nesse momento e lembre-se deles.

O professor precisa refletir e refazer sua prática docente, propondo o desenvolvimento de competências com as quais possa se confrontar e intervir de forma satisfatória. Assim, a tecnologia precisa ser contemplada na prática pedagógica do professor, de modo a instrumentá-lo para agir e interagir na sala de aula com critério, com ética e com visão transformadora do mundo.

Após essa leitura, voltamos a questionar a atitude dos alunos habituados a freqüentar as aulas enfileirados e em silêncio.

Este antigo paradigma era fundamentado na transmissão do professor, na memorização dos alunos e numa aprendizagem individualista e passiva. Surge, então, a pergunta.

Que tipo de conhecimento e de saber-fazer permitirão aos professores melhor desempenho de seu trabalho docente?

É um desafio tentar responder a todas as perguntas que vocês, possivelmente, devem estar fazendo para poder atuar neste novo paradigma.



Lembramos de que professor e alunos restritos à sala de aula, ao quadro de giz e ao livro-texto estão ultrapassados.

Nesse momento, a aprendizagem precisa ser significativa, desafiadora, problematizadora e instigante, a ponto de mobilizar o aluno e o grupo a buscar soluções possíveis para serem discutidas e concretizadas, tendo em vista os referenciais teórico-práticos da Prática de Ensino.



Este desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente, na qual professor e alunos participam de um processo conjunto, que tem como princípio o diálogo, a pesquisa e a descoberta como prática educativa pensada e vivenciada na Prática de Ensino.

Portanto, o processo de **aprendizagem reflexiva** subtende a interatividade existente num mundo globalizado, que derruba barreira de tempo e espaço e exige **atitude crítica, colaborativa e inovadora**, possibilitando o redimensionamento da ação pedagógica.

E agora?

Você concorda, ao final dessa aula, que refletir sobre o aprender e questionar as formas de ensinar, certamente é o dever de todo professor? Isso, porém, exige uma formação ideológica e ações profissionais tecnicamente orientadas com o intuito de obter competências na ação e na gestão da vida pessoal e profissional.

RESUMO

Esta aula destacou a importância das alternativas teóricas discutidas na Prática de Ensino para uma reflexão sobre sua prática pedagógica. Apontou um novo sentido para a escola diante das incertezas que emergem de uma nova sociedade e suas evidências pedagógicas na sala de aula. Ressaltou a necessidade de intervenção efetiva do professor nesse espaço, local onde se cruzam diferentes culturas. Propomos uma escola vivida cotidianamente e dimensionada num projeto político-pedagógico-curricular. Finalizando, afirmamos que a aprendizagem, nos dias de hoje, precisa ser significativa, desafiadora, problematizadora, instigante e somente possível numa nova ação docente.

EXERCÍCIO



Procure lembrar de uma situação da qual você tenha participado de forma dialógica com seus alunos, na qual foi possível exibir suas memórias, identidades, competências, habilidades, num **processo interativo**, de forma programada e projetada coletivamente.

Marque vinte minutos para pensar e redigir sobre isto, arquivando seu relato como produção da aula.

REFLEXÃO



Com esse novo olhar sobre as diferentes alternativas teóricas que temos discutido ultimamente, você pode identificar as mudanças desencadeadas pela sociedade do conhecimento, que oferece uma educação compatível com nosso momento histórico. Então, você agora poderá utilizar as diretrizes curriculares (parâmetros curriculares) na sua prática cotidiana.

GENTILI, Pablo & FRIGOTTO, Gaudêncio.(org.). *A cidadania negada*. São Paulo: Cortez, 2001.



AGENDA DIDÁTICA

Aula 11 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Caracterização dos instrumentos da Prática de Ensino: o poder da leitura

AULA 12

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Caracterizar os diferentes instrumentos da prática de ensino, identificando criticamente seus papéis na relação pedagógica.
- Verificar, a partir das novas tecnologias, o lugar a ser ocupado pela escola na transformação da sala de aula.

Pré-requisito

Na aula anterior, você conseguiu reconhecer que a sala de aula pode lhe oferecer diferentes recursos para uma aprendizagem mais efetiva?

Se precisar, recorde a aula anterior.



INTRODUÇÃO

Até hoje vivemos em um mundo marcado pela oralidade e pela escrita. A partir dessas tecnologias, se estabeleceram determinadas categorias na relação com o tempo, com a informação, com a memória, e toda uma maneira de comunicarmos com os demais.

(Ramal, 2003)

Pensamos, nesta aula, em chamar sua atenção para a crescente literatura educacional que nos indica a importância que o computador, além da televisão e do vídeo, estão adquirindo nos processos de desenvolvimento da escola. Você também acha que a escola, atualmente, não está cumprindo o seu papel? E qual seria o papel da escola? Constituir-se, de fato, num espaço de educação individual e coletiva? Um local de transmissão de valores e democratização? É esse o nosso grande desafio. Pensar na formação de um novo homem, alguém capaz de lidar com situações adversas. Façamos juntos esta leitura a seguir, para que possamos refletir sobre nosso papel em sala de aula nos dias de hoje, num mundo globalizado. E você, professor, o que pensa disso?

UM NOVO TEMPO PARA A ESCOLA

Atualmente, os modos de aquisição e trocas de conhecimento vêm sendo modificados com o desenvolvimento das altas tecnologias. Estas nos proporcionam novas formas de comunicação e interação entre as pessoas no mundo, não havendo limites geográficos nem temporais. Portanto, a forma de educar depende diretamente da sociedade e dos recursos existentes.

Assim, não podemos negar a necessidade de a escola se modernizar, utilizando novas formas para atingir a sua missão. Desse modo, a Internet e outros instrumentos, quando utilizados em uma proposta pedagógica mais cultural, podem contribuir, certamente, para que o trabalho se torne mais eficaz na escola.

É esse o nosso grande desafio. Pensar na formação de um novo homem, alguém capaz de lidar com situações adversas.

Façamos juntos esta leitura a seguir, para que possamos refletir sobre nosso papel em sala de aula nos dias de hoje, num mundo globalizado.

No pensamento de Moraes (1997, p. 52)

A escola deverá repensar seus valores que permeiam a realidade para a qual os educandos devem estar aptos. Deve ocorrer uma mudança na missão da escola, que esta deverá atender o aprendiz de forma que o aprendizado seja significativo para ele, percebendo que cada indivíduo tem um perfil particular de inteligência e de relações dialéticas com o mundo, dando ênfase ao “aprender” e não mais ao “ensinar” (o conhecimento provoca mudanças e transformações). O professor deverá provocar perturbações e desequilíbrios e limitá-los por meio de situações problemas que deverão ser superadas pelos alunos, e construindo seu conhecimento, sua aprendizagem.

E como fazer isso na sala de aula? Na continuidade deste texto percebemos que o ensinar não desapareceu. O que precisamos é aprender a ensinar. Assim, para que esta aprendizagem aconteça é necessário não que o currículo seja flexível, aberto, interpretativo. Entretanto, é fundamental, para que haja uma mudança no paradigma, que o educador se conscientize de que está sempre aprendendo, que está sempre em processo de mudança e de aquisição de novos estágios do saber.

Podemos afirmar que o novo **CENÁRIO CIBERNÉTICO** provoca mudanças na maneira como pensamos, conhecemos e aprendemos. Por isso, a escola deve participar dessas modificações para que o maior número possível de alunos saiba operar essas novas tecnologias da informação para uma comunicação de melhor qualidade e mais interativa.

Porém, precisamos estar atentos aos vários aspectos ligados às tecnologias. Vejamos com mais atenção!



CENÁRIO CIBERNÉTICO

Espaço dinâmico que possibilita a utilização de técnicas, de práticas sociais, de valores e de formas de comunicação interativa onde ocorre uma mudança cultural.



- A produção tecnológica só tem sentido quando se considerar a relação homem-espaco-sociedade;
 - a produção tecnológica está vinculada a um jogo de poderes, às leis de Mercado próprias da sociedade globalizada na qual se insere;
 - as produções tecnológicas, apropriadas pelo sistema educacional, têm sempre um ponto ético, político-ideológico, pedagógico e didático compartilhado socialmente;
 - as produções tecnológicas também são de responsabilidade da escola – *software*, livros, vídeos, jornais. Elas não se limitam apenas a novas invenções, mas, inclusive, a criticar as tecnologias, vinculando-as de forma didática às práticas culturais de sua escola.

Esse papel, de total responsabilidade, continua sendo nosso. E você, professor, o que pensa disso?

Dessa forma, a escola **precisa apresentar situações mais reais, tornando suas atividades mais significativas e menos abstratas.** Portanto, é necessário que os professores verifiquem que a tecnologia será apropriada ao seu contexto escolar, discutindo com seus alunos essas inovações, tornando-as significativas como recursos tecnológicos em seu cotidiano.

Nessa perspectiva, podemos considerar que os recursos tecnológicos podem contribuir para uma aprendizagem mais significativa, desde que se considerem os seguintes aspectos pedagógicos:

- tratamento interdisciplinar dos conteúdos programáticos;
- visão ampliada e integradora dos recursos e instrumentos de ensino disponíveis;
- descoberta e recriação dos conhecimentos, dos conceitos e da informação;
- participação colaborativa e dialógica nos desafios que favorecem a aprendizagem;
- superação do comportamento passivo do aluno para uma ação mais interativa na sala de aula.



REFLITA CONOSCO

Precisamos não nos iludir, achando que os recursos tecnológicos, entre eles o computador, garantem por si só o desenvolvimento de estratégias de ensino para nossos alunos e tampouco desenvolvam suas habilidades cognitivas. Esses meios continuam dependendo do **uso didático** realizado pelos professores e do **contexto** no qual se desenvolvem, e não somente por suas **características técnicas**.

Esperamos que você concorde conosco no sentido de que esses recursos tecnológicos propiciam novas modalidades do trabalho docente, reinventando a sala de aula no espaço cibernético.

A ESCOLA QUE PERMANECE: UM VÔO POSSÍVEL

O professor pode superar a defasagem na medida que perceber que seus alunos não estão mais no contexto de massa mas na audiência interativa.

(Silva, 2003, p. 16)

Você pode estar pensando em sua escola, sua sala de aula, tão distantes desse contexto do qual estamos falando. Como professor, você entende a sala de aula, seu local de trabalho e podemos questionar juntos se ela é uma realidade que contém muitas realidades. Pode estar enganado aquele professor que pensa estar claro o significado desse espaço no qual lidamos todos os dias. Na busca de respostas, pensamos em termos **do que é**, assim como em termos **do que deve ser** sua sala de aula.

Lugar no qual tantos escamoteiam com belas palavras os duros conflitos vividos por um tempo? Espaço no qual se cumpre o jogo sutil das seduções afetivas ou endoutrinadoras? Ou muitas dessas coisas juntas?

Enfim: que lugar é esse, a sala de aula? ... um picadeiro privilegiado pela sociedade.

(Moraes, 1997, p. 7)



Identificando a escola e a rede de comunicação com a qual ela se relaciona no cotidiano, deparamo-nos com diferentes realidades. Apesar da atuação das políticas educacionais no que diz respeito à introdução da tecnologia na atualidade, essa realidade ainda não faz parte do dia-a-dia de todos nós, professores de diferentes e distantes espaços territoriais.

Assim, esta aula, ao tratar dos instrumentos de ensino, não poderia deixar de fora aquele que nos acompanha, hoje e sempre, **o livro**, que permanece junto às transformações tecnológicas da comunicação.

Pensamos em conduzir essa reflexão, a partir do momento em que, em relação aos avanços dos recursos da Informática, a figura do livro possa estar ameaçada. Nesse momento, cabe a você, professor, a defesa desse instrumento de ensino, dizendo: “mas o livro é, na realidade, o que temos, eu e meus alunos”.

E como fica a relação autor-leitor, a relação escrita-imagem nesse momento?

É preciso que reconheçamos a importância do livro na multiplicidade de suas representações. O livro-texto pode apresentar-se como recurso didático e como meio de entretenimento, trazendo para a sala de aula a sociedade em sua complexa existência.



Discute-se, atualmente, seu lugar no mundo a partir do aparecimento da Informática, de reprodução da comunicação via Internet. Tendo em vista esse movimento tecnológico, ampliaram-se os debates sobre o livro em sua **dimensão tradicional**.

Nosso propósito, nesta aula, é o de levá-lo a discutir não só o lugar do livro nesse contexto, mas também o lugar da escola e o papel do professor como mediador desse processo de aprendizagem.

No mundo cibernético que ora vivemos, depende de sua atuação, professor, “não apenas para desvelar mecanismos e controle da leitura, mas também tornar-se receptivo e sensível às formas estéticas e lúdicas” (Moraes, 1997, p. 8) que ele possa lhes oferecer.



Mas, não podemos anular a resistência do professor que se mantém fiel ao tradicional livro didático, reconhecendo nele as diferentes possibilidades de uso e leituras que ele oferece. Essa perspectiva traz o poder da leitura no livro como foco central, considerando a relação de proximidade afetiva entre o manuseio do livro e seu leitor, o que supera o fascínio das novidades didáticas.

Essas questões nos levam a pensar sobre o lugar do livro na sociedade, desde sua invenção até nossos dias, passando atualmente por mutações significativas em sua trajetória. A imagem é, então, conectada a um processo de leitura, formando **perfis de leitores** dos livros, articulando-os a outros meios, como a TV, o cinema, a revista, os vídeos etc.

Sabemos o quanto você deve estar se questionando sobre as **finalidades do livro** em seu cotidiano, de sua possibilidade de atuação com ele na relação com os alunos. Busquemos, agora, interligar todas essas propostas sobre esse recurso didático e seu **uso**.

Ao tratarmos da questão de como você usa o livro em sua sala de aula, precisamos que você se veja “conectado” ao nosso curso. Estamos formando novos profissionais para essa nova sociedade?

Se sua resposta for positiva, você certamente pensa na ideologia contida nos livros adotados pelo Estado e faz uso dele sob algumas perspectivas:

- o livro é utilizado por você como um fio condutor de seus trabalhos, sem assumir um único critério de verdade ou a última palavra sobre seu conteúdo;
- o livro é utilizado por você sem que sua opinião seja “moldada” por ele;
- o livro é utilizado por você de forma crítica, percebendo que, na maioria das vezes, seu conteúdo está desvinculado da realidade de seus alunos;
- o livro é utilizado por você como instrumento de registro dos conhecimentos culturais e questionado pelas transformações aceleradas de um mundo cibernético.

Dessa forma, podemos considerar que o uso do texto literário em sala de aula de forma regular e lúdica, indiscutivelmente poderia contribuir para a formação de um leitor motivado, atento e crítico.

(Freitag, 1993, p. 121)



De acordo com as discussões desta aula, entende-se a idéia de que o livro não é um instrumento “cristalizado”, fixo e imutável, mas sim um instrumento indispensável, que se mantém lado a lado com os demais recursos didáticos. Com isso, ele se torna dinâmico e adaptável às diferentes realidades. O livro também está presente na relação professor-aluno que se constrói no registro diário das falas vivenciadas na sala de aula.

Portanto, nosso objetivo é que você perceba seu papel, como professor, entendendo que o livro não pode ser visto de forma isolada, e sim conectado a novas tecnologias que usamos na sala de aula.

RESUMO

Esta aula procurou destacar os diferentes instrumentos da Prática de Ensino, ressaltando o seu papel no cotidiano e no espaço pedagógico do professor. Ressaltamos, num primeiro momento, o avanço das tecnologias de informação e seu uso pelo professor, trazendo como consequência novas formas de ensinar e aprender, de se trabalhar o conhecimento, os conceitos e a informação num mundo cibernético, o que provoca alterações de tempo e avanço no espaço geográfico. Num mundo globalizado, reforçamos a importância do tratamento interdisciplinar aos conteúdos programáticos e da participação colaborativa e dialógica como alternativas de aprendizagem possíveis, através dos recursos tecnológicos disponíveis, como a Internet. Num segundo momento, discutimos a escola e suas diferentes realidades e destacamos o livro, que permanece como recurso pedagógico junto às transformações tecnológicas do mundo atual. Ressaltamos, ainda, sua importância na multiplicidade das representações diante a sua dimensão tradicional. Finalizando, mostramos que o professor tem seu papel garantido nessa nova concepção da sala de aula conectada às novas tecnologias.

EXERCÍCIOS



Professor(a)!

- Selecione um **conteúdo/assunto** a ser tratado em sua sala de aula.
- Verifique **como ele está sendo abordado** em seu livro-texto.
- Procure esse mesmo conteúdo sendo apresentado **em diferentes mídias** (jornais, revistas, livros, vídeos, cinema, televisão, Internet).
- Estabeleça uma **conexão** entre essas diferentes abordagens.
- Nesse sentido, registre que atividades podem ser produzidas para **seus alunos** a partir de **suas representações** (decorrentes da interpretação que fazemos das diferentes leituras).
- Agora, faça o mesmo exercício com seus alunos.

Que tal a sugestão de uma oficina na qual, a partir de um conteúdo escolhido por você, eles procurem estabelecer essas relações fora da escola e retornem com elas para a sala de aula e, somente então, professores e alunos discutam os materiais que trouxeram sobre o assunto e finalmente façam seus registros pessoais.

Apresentamos essas sugestões como formas de você conectar a sala de aula com a realidade, rompendo, assim, o distanciamento tão falado entre a teoria e a prática.

REFLEXÃO



A partir dessa nova concepção da sala de aula, o professor não pode deixar de atribuir à tecnologia, em especial o computador, uma parcela de contribuição ao processo de ensino-aprendizagem. Uma mudança no “fazer pedagógico” que altera a relação professor-aluno-conhecimento. Você poderá, agora, entender melhor seu papel em relação aos desafios postos aos professores pela Informática na educação.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 12 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Alternativas da Prática de Ensino no cotidiano escolar

AULA 13

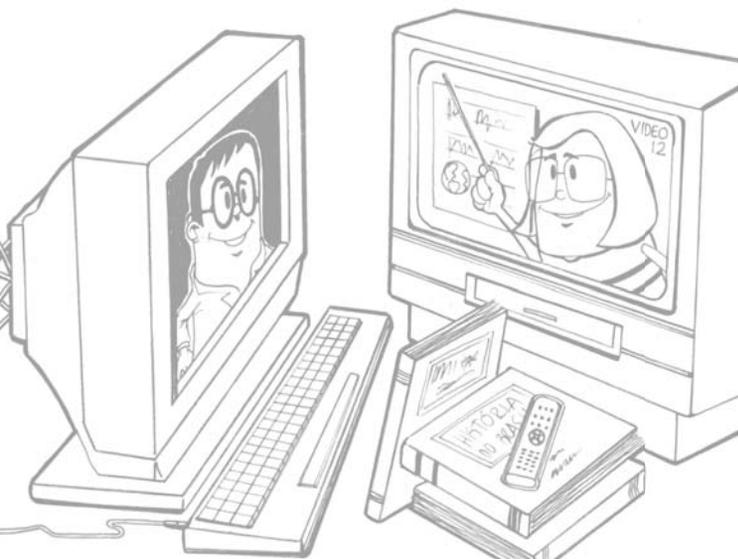
objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Selecionar os diferentes recursos tecnológicos de forma significativa para a sala de aula.
- Utilizar os diferentes recursos tecnológicos como possibilidade de transformação do trabalho pedagógico.

Pré-requisito

Recomendamos que você leia o resumo da aula anterior e veja os exercícios realizados para iniciar esse novo estudo da sala de aula.



INTRODUÇÃO

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

(Chartier, 1998, p. 77)

Na aula anterior, destacamos o avanço das tecnologias de informação e seu uso pelo professor, trazendo como conseqüências novas formas no ensinar e aprender na escola.

Vimos que o mundo cibernético provoca alterações de tempo e espaço geográfico, propiciando uma participação colaborativa e dialógica da aprendizagem na sala de aula.

A SALA DE AULA E SUAS POSSIBILIDADES

Continuamente ouvimos frases como essas:

“É preciso deixar a vida entrar na escola.”

“Hoje a sala de aula deve ter o tamanho do mundo”.

“O mundo deve estar dentro da sala de aula.”

“A sala de aula precisa ser interativa.”

Reconhecemos as inúmeras possibilidades que a escola oferece ao educador para fazer o mundo caber e transbordar na sala de aula, mostrando diferentes meios de expressão, de saberes de professores e alunos que buscam responder aos desafios das novas práticas educativas.

Nesta aula, vamos ao encontro dos anseios de professores que, no seu processo de formação continuada, desejam saber, vivenciar e inovar os rumos da escola do século XXI.

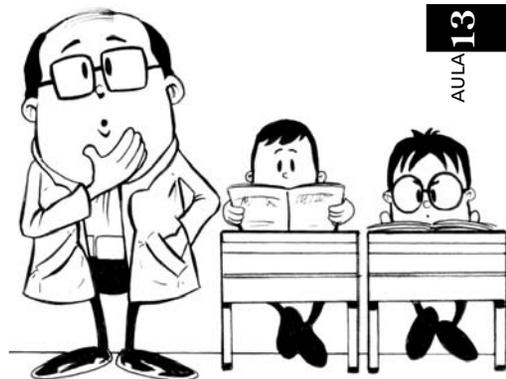
A presença da tecnologia da educação traz possibilidades incontestáveis no espaço pedagógico. Criam-se oportunidades para que os alunos deixem de ser meros clientes consumidores da fala do professor e dos recursos que lhes são dados. **Como?**

Diante desse quadro, constatamos que cada vez mais o uso da leitura em textos que circulam socialmente como o jornal, as propagandas, as letras de músicas, os poemas, as charges, as histórias em quadrinhos surgem como uma forma de aceitar, na sala de aula, a experiência de leitura que o aluno traz como pessoa e cidadão.



Observamos, a cada dia, que os estudantes mantêm sempre as tradicionais dificuldades de leitura porque a nossa avaliação se faz apenas através dos textos que circulam na escola.

Normalmente, esses textos (...) indicados invariavelmente como objeto de cultura (...) não centralizam o universo cultural da produção brasileira. (Marchi, 2000, p. 157)



Este autor nos mostra, com esta citação, que justamente no uso desses textos pode residir o problema da leitura. **Constatamos a dificuldade em associar os textos “de pouco convívio doméstico” com a identidade do leitor. Isso torna a leitura dos livros cansativa e desmotivada.**

Hoje, nossa proposta é sistematizar os diferentes recursos tecnológicos utilizados em sala de aula em conexão com o mundo. Dessa forma, trazemos para o espaço escolar parte da vivência desses alunos – sua cidade, sua casa, a banca de jornal, os shoppings e outros espaços – fazendo-os refletir sobre esses lugares, a fim de aproximar as evidências sociais dos currículos escolares.

Freqüentemente, dizemos que os jovens de nossa escola não se interessam pela leitura, não querem saber de textos literários citados nos livros didáticos. E você, professor, concorda com isso? Como reagem seus alunos diante dessa situação?

Dessa forma, vemos que, cada vez mais, a escola se distancia do desejo dos alunos e não usa a leitura que eles fazem da TV, da revista, das histórias em quadrinhos, dos desenhos animados e dos videogames e tantos outros. Ainda persiste em algumas regiões a idéia de “escola elitizada”.

Nossa intenção é mostrar que esses textos devem ser acrescidos da leitura de textos literários, clássicos, atendendo à motivação dos alunos e facilitando a produção de textos de forma prazerosa, como um trabalho que atenda ao desenvolvimento de **conteúdos** apresentados nos **parâmetros curriculares** e necessários à cidadania.



Identificamos em qualquer texto um conjunto de informações, mas percebemos nitidamente que a forma de expressá-las difere, conforme o locutor, o leitor e o veículo.

Vejamos então...

As informações contidas numa reportagem de jornal, de revista, de televisão e vídeo, de cinema, de livros têm características próprias, que interferem no sentido do texto com novas informações, caracterizadas pelo recurso utilizado.

Diante desse quadro, muitos conteúdos não aparecem explícitos nas idéias transmitidas nos textos, mas sim implícitos nas mídias em que se encontram.

Professor, quando lê um texto, você busca dialogar com o autor, qualquer que seja a forma pela qual ele apresenta a informação? Você consegue visualizar o autor desse texto? Como?



Quanto mais diversificados forem os instrumentos de aprendizagem em sala de aula, mais chances terá o aluno de fazer suas escolhas.

Será que, fazendo estas perguntas, não estamos formando um senso crítico sobre esses textos? Não estamos levantando dúvidas, buscando respostas que possibilitem diversas interpretações? Mesmo que não

identifiquemos de imediato essas interpretações, abrimos um caminho para a busca de novas respostas, evitando a formação de preconceito. Esta compreensão nos traz o questionamento e a aprendizagem, conseqüentemente, a dúvida

como motivação para a leitura.

Assim, o ensino pode se basear em instigar a dúvida, criada a partir das nossas experiências sociais como professores e dos alunos como leitores. Dessa maneira, desenvolvemos a leitura em dois aspectos fundamentais:

- o primeiro é o interesse da escola no desenvolvimento intelectual do aluno;
- o segundo é o atendimento ao desejo do aluno de ler o que circula socialmente.

Com isso, queremos esclarecer que o aspecto social, vivido na escola, propicia a aquisição de uma variedade de instrumentos, que permitem ao aluno optar pelo que de melhor representa sua leitura da sociedade.

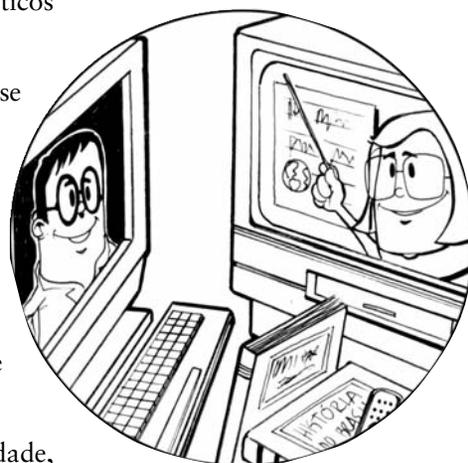
Este procedimento mostra um trabalho estratégico entre professor e aluno, formando uma ponte para o relacionamento da aprendizagem como necessidade de vida.

Partindo de seus conhecimentos e de suas leituras, do que você sabe e do que você leu até agora, concorda que seria importante incluir a **Mídia** no currículo escolar? Será que com isso estaremos dando à sala de aula novas possibilidades de aprendizagem? Estaremos, assim, aceitando e analisando diferentes interpretações e aprendendo diferentes formas de expressão, de linguagens, como é o caso da propaganda com a linguagem publicitária, das telenovelas com a linguagem ficcional, do telejornal com sua linguagem informativa, dos programas humorísticos em sua linguagem simbólica, irônica e grotesca?

Cabe lembrar, ainda, que **atualização é fundamental**. Não fosse por isso, os textos que trabalhamos na escola em livros didáticos já seriam por si só suficientes para garantir essa **leitura social**.

Para terminar, respondendo a nossa proposta inicial, julgamos que a sala de aula apresenta inúmeras circunstâncias nas quais podem ser utilizados diferentes recursos tecnológicos, aos quais o professor tem acesso e que se encontram ao alcance de seu aluno.

Logo, **cabe ao professor**, que mantém um trabalho de qualidade, promover a aprendizagem, desenvolvendo um projeto pedagógico de construção da autonomia, do respeito a **alteridade** e da formação do cidadão, tomando por base a prática do exercício de fazer a melhor escolha para expressar sua identidade.



A SIGNIFICAÇÃO DA TECNOLOGIA NA SALA DE AULA

Todo trabalho pedagógico realizado em sala de aula deve utilizar não só os livros didáticos e os de literatura, mas também os textos de circulação social, de linguagem mais acessível aos alunos.

Cabe reconhecer, nesse caso, que os interlocutores – professores ou alunos – têm vivências dos valores diferentes embutidos nas mensagens dos textos que precisam ser trabalhados na sala de aula.

Isso nos faz entender que...

No uso de diferentes meios de aprendizagem, estamos dando aos alunos a possibilidade de escolher melhor a forma pela qual suas idéias devem ser comunicadas.



Nesse sentido, vale dizer que a variedade de meios que circulam socialmente na escola possibilitam ao autor-leitor fazer escolhas mais convenientes. Essas escolhas derivam do conhecimento que você, professor, faz sobre a utilização desses recursos didáticos junto com seus alunos.

Incluir a Mídia como objeto de nosso estudo significa trazer seus produtos para a sala de aula, fazendo com que a leitura cotidiana corresponda a uma exigência política e social da maior importância na formação do cidadão.

Se queremos fazer com que as aprendizagens que derivam de nosso relacionamento com os alunos produzam e expressem a cultura informando, divertindo, anunciando, vendendo, promovendo, avaliando em diferentes formas de comunicação o nosso modo de vida, precisamos:

- contar histórias sobre a existência de outras culturas e sociedades;
- usar as linguagens diferentes para descrever nossas idéias sobre elas;
- diversificar as técnicas de ensino para que a aprendizagem se realize de forma mais consciente;
- escolher o recurso mais adequado à transmissão dos conteúdos programáticos;
- apropriar-se, cotidianamente, de imagens, textos, sons e situações que nos dão identidade pelo modo de ser e estar no mundo;
- reconhecer na tecnologia a possibilidade de reflexão sobre o conhecimento de si mesmo e do meio que o cerca;
- dominar símbolos e signos da mídia que representam a luta pelo poder.



Ao longo desta aula, procuramos falar sobre os diferentes elementos do estudo da tecnologia, enfatizando a necessidade da escola ter sempre presente o cuidado com a leitura crítica dos meios de comunicação de massa.



A questão da leitura se coloca, então, na confluência das interpretações, na necessidade de transformarmos alunos apáticos em leitores sensíveis, de modo que os textos desencadeiem a mobilização de sujeitos históricos. Entramos, pois, no espaço da comunicação expressiva, da interação entre obra e leitor, da relação entre o sujeito e seu tempo, do sujeito e sua memória.

(Marchi, 2000, p. 162).

Julgamos necessário desenvolver melhor a leitura crítica dos meios de comunicação de massa e, essa idéia e, para isso, recomendamos o trabalho de Ligia Chiappini, *Aprender e ensinar com textos não escolares*, da editora Cortez.

Assim, torna-se indispensável que a escola reveja sua relação com os meios de comunicação, fazendo uma leitura crítica dos mesmos, tornando consciente a relevância da opção político-pedagógica da representação das mídias na didática em sala de aula.

Lembre-se, professor, de quando em sua sala de aula um dos alunos o interrompe para comentar um trecho veiculado nas novelas ou para citar uma campanha publicitária... Nesse momento, o aluno relaciona o conteúdo da sala com a informação aprendida em diferentes fontes, demonstrando, assim, uma aprendizagem concreta.

É inegável que os meios de comunicação de massa sejam vistos como veículos eficientes que propiciam a participação informal, uma vez que ensinam de forma atraente e voluntária.

Como você, professor, se posiciona nessa questão?

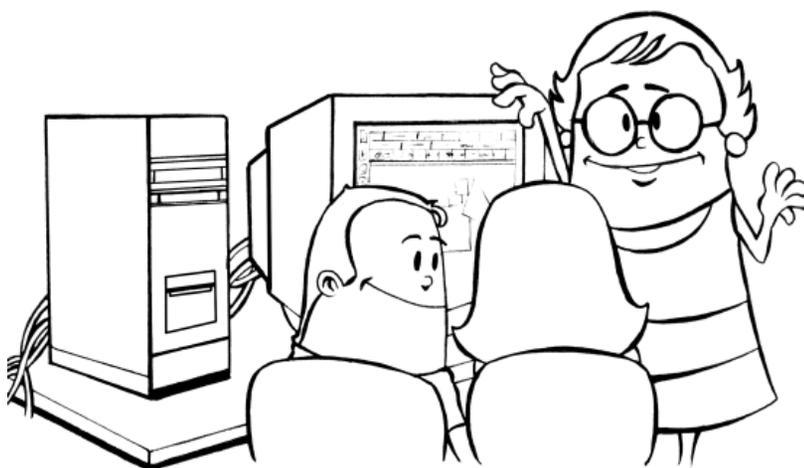
Edgar Morin, em seu livro *Como ver televisão – leitura crítica dos meios de comunicação de massa*, faz-nos refletir que esses meios “não são todo-poderosos nem diabólicos, são simples, fáceis, mas não ingênuos; fascinantes e preocupantes ao mesmo tempo” (1991, p. 6).

Daí a importância de seu posicionamento não ser nem negação, nem a total assimilação desses meios de comunicação, e sim a leitura crítica de seu uso.

Portanto, não basta criticar os meios de comunicação de massa, o importante seria combinar a análise dos produtos culturais com a criação-manuseio desses meios. Assim, elaboramos novas formas de expressão de uma cultura popular.

Essas idéias podem ser postas em ação nos diferentes espaços educativos com a família, a escola e a comunidade. Educar, então, seria formar indivíduos capazes de desvendar a realidade, desmistificando seus meios de expressão e construindo mais democraticamente a participação social e o exercício pleno da cidadania.

Cumpre, neste momento, lembrar que inúmeras sugestões de análise dos meios de comunicação de massa devem ser adaptadas ao nível da percepção do grupo de alunos, lembrando sempre a importância da escola no sentido de organizar essas informações de forma culturalmente determinada.



RESUMO

Nesta aula, destacamos a importância da leitura dos meios de comunicação de massa e seu estudo como portador de mensagens embutidas nos textos trabalhados em sala de aula.

Lembramos que “ler” a comunicação humana é entender os relacionamentos humanos e econômicos, muitas vezes dissimulados ou explicitados em contradições ocultas. Dessa forma, procurar encontrar sentido na tarefa da escola ao desvendar a trama nos meios de comunicação é prioritário nos dias de hoje. Com isso, formamos leitores críticos (docentes e discentes) que aprendem a conviver, ler e entender melhor a significação, os mecanismos de relacionamento e os resultados práticos da influência dos meios na vida das pessoas.

EXERCÍCIOS



Professor!

Aqui, propomos que você faça uma **leitura crítica**, envolvendo os seguintes objetos de análise:

- programas de televisão em geral;
- programas de ficção (novelas, seriados);
- programas de ficção e sua importância;
- publicidade (credibilidade desses comerciais);
- informações dos meios de comunicação;
- programação infantil.

Agora, professor, você já pode identificar duas concepções diferentes relativas ao uso dos meios de comunicação:

1. o veículo utilizado,
2. as mensagens por ele transmitida.

Vejamos mais alguns exercícios:

- relacione os meios de comunicação preferidos por seus alunos (rádio, TV, cinema, vídeo etc.)
- identifique os programas preferidos de seus alunos, indicando as razões dessa preferência (entretenimento, informação, crítica, documentários etc.)

REFLEXÃO



A partir da proposta de utilização dos recursos tecnológicos como possibilidade de transformação do trabalho pedagógico em sala de aula, pensamos no papel dos meios de comunicação social no processo de aprendizagem, incluídos nos desafios da atualidade, pela forma de persuasão que apresentam.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 13 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Possibilidades e limites da produção docente-discente

AULA 14

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Registrar de forma objetiva a trajetória da aprendizagem do aluno.
- Organizar um portfólio que possibilite avaliar o rendimento da disciplina Prática de Ensino I.

Pré-requisito

Reveja as Aulas 3 e 4: Dimensão Socioantropológica da Prática de Ensino ("Vida e complexidade" e "Prática contextualizada-Reflexiva") para construir socialmente a interação dos conteúdos curriculares verificados na vida cotidiana.



INTRODUÇÃO



PORTFÓLIO

Como se sabe, o Portfólio é um instrumento que relata a experiência cotidiana de aprendizagem.

É legal depois de algum tempo você ler seus portfólios e ver que tudo o que você fez está registrado, nada foi perdido.

Porém, mais importante do que isso, é ter para sempre guardado em você o que você aprendeu.

(Revista *Pátio*, 2000)

Para melhor compreensão desta aula, precisamos que você já tenha criado um “currículo vivo” nesta disciplina que se verifica no projeto de construção do **PORTFÓLIO**. Em outras palavras, esperamos que você já tenha tentado reunir/catalogar suas experiências e impressões provocadas pela nossa disciplina e seja capaz de associar sua aprendizagem com a de seus alunos.

Mas vamos com calma, nestas duas últimas aulas, concluiremos o Programa de Prática de Ensino I, tendo como proposta levá-lo a visualizar como este estudo influenciou em sua prática profissional. É preciso que você perceba que, em suas aulas, muitas atividades foram realizadas tomando por base o planejamento didático para o cumprimento do programa.

O USO DO PORTFÓLIO NA APRENDIZAGEM REFLEXIVA

No entanto, algumas situações ocasionais ou acidentais mostraram-se freqüentes no seu dia-a-dia, trazendo um desvio ou mudança de seu planejamento. Conectando-se cotidianamente ao seu plano de curso, essas atividades, por não serem planejadas, exigem maior reflexão para não serem desperdiçadas ou ignoradas no decorrer de sua rotina diária. Lembre-se, seu plano de aula é muito importante, mas deve ser considerado um instrumento de ensino, que sofre modificações e adaptações necessárias ao processo de execução.

Assim, na verdade, sua aula é um verdadeiro laboratório: experimentos e anotações, constatações e reflexões, erros e acertos, rotinas e novidades...

Observando seus alunos ao longo das aulas, inúmeras atividades que eles realizam devem ser utilizadas no seu processo de ensino-aprendizagem, porque você reconhece nelas o conteúdo programático que tanto nos preocupa no cumprimento do trabalho docente.

Os conhecimentos adquiridos através de ações não programadas devem ser considerados, e é preciso reconhecer o significado que eles adquirem conforme o momento, a pessoa e o contexto em que acontecem.

Nesta perspectiva, temos que ter um olhar reflexivo que possibilite a visualização do processo em que a aprendizagem ocorre. Para isso, é necessário que você possa fazer uso de um instrumento que não registre apenas o resultado da aprendizagem, como verificamos nos testes, nas provas tradicionais e nas articulações que privilegiam os resultados e não o processo de aprendizagem.

Foi por isso que durante o desenvolvimento desta disciplina, que estamos quase finalizando, tivemos a preocupação de dar consistência às ações do cotidiano que o aluno vivencia em outras instâncias, fora da escola. Isto se fez, como você já percebeu, na execução de nossos exercícios propostos ao final de cada aula.

Nesse momento, você deve estar pensando: **como fazer para que essas ações do cotidiano não se percam? Como utilizá-las didaticamente com sua turma?**

A razão reside em visualizar sua sala de aula como **laboratório/oficina**.

Experiências aconteceram, você fez anotações?

- Constatações surgiram, você refletiu sobre elas?
- Como você agiu diante dos erros e dos acertos?
- Como você aproveitou as novidades e tornou a rotina mais prazerosa?



Você ajudou seus alunos a reconhecerem as informações necessárias ao seu desenvolvimento, embutidas nas ações? Como foram exploradas essas práticas de seus alunos no seu processo didático? De que maneira você os fez perceber que a todo momento ele está aprendendo e ensinando para transformar-se e tornar-se uma nova pessoa, bem-sucedida apesar de suas dúvidas, problemas, dificuldades e estresses?

Você valoriza nas situações do dia-a-dia o relato de seus alunos sobre notícias de jornais, fatos, acidentes ocorridos na comunidade, comemorações familiares... E como você faz esses registros?

Mas fazer isso é fácil? Não. Nosso objetivo é evitar o desperdício de energia, de trabalho, de ações que não se tornam significativas na vida do aluno...

E aqui estamos nós para ajudá-lo mais uma vez.

Queremos levá-lo a **reconhecer a aprendizagem em processo**, de que sempre temos falado em nossas “conversas de aula”.



PORTFÓLIO

Projeto pedagógico da Prática de Ensino – aprendizagem em processo.

Constantemente demonstramos a importância de valorizarmos todos os momentos da aula, afinal, todos eles representam aprendizado. O recurso do **portfólio** pode ser uma excelente prática para isso, além de uma **nova proposta de avaliação**, que vale mais que uma prova e comprova uma ação dinâmica na aprendizagem.

Preparar os alunos para catalogar as diferentes situações do dia-a-dia, reproduzindo cenas da vida cotidiana, na qual o processo de interação se faz presente, é fundamental. Com isso, estamos exercitando uma forma de manter o diálogo entre o conhecimento e a ação, a percepção e a razão, o fato e o discurso, o ensino e a aprendizagem.

É preciso trabalhar muito para conquistar seus alunos e instaurar um clima de confiança – requisito fundamental para o bom relacionamento na aprendizagem, na produtividade e na realização do **PORTFÓLIO COMO UM projeto de trabalho conjunto**.

A tarefa de fazer um portfólio exige esforço intenso e contínuo durante todas as aulas, o que nos auxilia a criar uma nova rotina de trabalho prático, possibilitando aos alunos estar em constante atividade de leitura, produção de texto e análise desses processos de aprendizagem.

Mas atenção! Apenas executar tarefas, juntando textos, encartando gravuras/figuras, selecionando documentos, fotografando eventos não é estratégia suficiente para garantir uma reflexão na qual se observe a relação entre o conhecimento e a prática na sua própria ação docente.

É preciso buscar na experiência as informações que possibilitam completar a aquisição do conhecimento com a observação da realidade. Nesse sentido, é necessário interagir com os alunos, fazendo-os cientes de seu processo de aprendizagem de forma a lhes conferir autonomia, atribuindo a cada um autoridade para cumprir seu papel de aprendiz, reconhecendo o que já sabe e o que precisa aprender.

Precisamos de uma educação cooperativa. Como? Devemos buscá-la nas orientações do professor, nas bibliotecas, nos fatos sociais, nos eventos e comemorações escolares, nas instituições comunitárias, nos projetos culturais. Essa é uma **estratégia de aprendizagem contínua**, que ajuda a criar uma nova rotina de trabalho, possibilitando aos alunos estarem em constante movimento de produção, observação, reflexão e trocas para agregar novos conhecimentos.

Neste contexto de aprendizagem contínua, o portfólio surge como **instrumento de diálogo** entre o educador e o educando, entre você e seus alunos.

Podemos afirmar que um portfólio não é apenas um **conjunto de trabalhos** colocados numa pasta, como se possa pensar inicialmente. Ele revela as aprendizagens do aluno ao **selecionar e ordenar o material coletado**, possibilitando identificar questões relacionadas aos **conteúdos programáticos** de ensino e ao modo como os estudantes realizam suas pesquisas.

O uso do portfólio em educação, como já se sabe, constitui uma estratégia que permite ampliar o conhecimento sobre a relação ensino-aprendizagem, assegurando aos professores uma compreensão maior do programa a ser desenvolvido e das condições possíveis no contexto em que se leciona.

Desse modo, podemos atingir índices mais elevados de qualidade na **apropriação do conhecimento**, na sua **divulgação** e no seu **aprofundamento**, que permitam uma compreensão maior sobre os conhecimentos aprendidos.

Nesse sentido, entendemos que o portfólio pode ser utilizado como sendo um **instrumento de ação do pensamento reflexivo**, facilitando oportunidades para documentar, registrar e estruturar os procedimentos de aprendizagem.

Com isso ele evidencia, ao mesmo tempo, tanto para o educando quanto para o educador, processos de auto-reflexão para transformar, mudar e reequacionar a prática pedagógica na sala de aula.

Oliveira (2002), citando Gardner, afirma que o portfólio reflete a crença de que os estudantes aprendem melhor, de uma forma mais integral, a partir de um compromisso com as atividades que acontecem durante um período de tempo significativo e que se constroem sobre conexões naturais com os conhecimentos escolares.

Assim, acreditamos que a **construção do portfólio nesta disciplina** ofereça a oportunidade de reflexão sobre o processo vivido por você, além de registrar as mudanças pelas quais você passou ao longo do curso. É também a possibilidade de analisar a relação das partes com o todo que se mostra na temática escolhida e, em muitos casos, em associar a teoria com a prática.

Shores e Grace (2001) nos indicam que as **estratégias de portfólio** ressaltam o enfoque de currículo centrado no aluno, possibilitando o desenvolvimento de projetos realizados cooperativamente em sala de aula.

Essas autoras também nos mostram que o portfólio **individualiza as experiências de aprendizagem**, encorajando o professor a agir de acordo com seu próprio ritmo, possibilitando o **acompanhamento do trabalho docente nos diferentes domínios de aprendizagem**.

A partir de agora, você pode reconhecer as **vantagens do portfólio** pode oferecer aos alunos e professores:

- identificar questões relacionadas com o modo de aprendizagem e seus objetivos;
- permitir que cada aluno construa seu processo de aprendizagem;
- dar oportunidade de reflexão sobre as mudanças ocorridas ao longo do curso;
- acompanhar o trabalho dos estudantes, mostrando as diversas possibilidades e limites durante o período de tempo significativo da aprendizagem;
- responsabilizar o estudante pelo seu aprendizado, num processo em que ele é acompanhado interativamente pelo professor e demais colegas no ato de apropriação de conhecimento, numa ação social que não necessita ser referendada pelo “professor” e que dispensa a avaliação em termos de nota;
- alcançar a mudança de um paradigma de aprendizagem desenvolvendo uma atitude criativa acerca das modificações do meio e de tudo que nele existe, despertando o permanente compromisso de valorização da educação como processo e em processo de formação do seu próprio eu;
- privilegiar a auto-avaliação através da introspecção – um olhar reflexivo sobre si mesmo – como um princípio de qualidade na percepção do real papel desenvolvido por professores e alunos.

MONTAGEM DO PORTFÓLIO

Conteúdo de diferentes classes de documentos (notas pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controle de aprendizagem, conexões em outros temas fora da Escola, representações visuais etc.) que proporciona evidências do conhecimento que foi construído, das estratégias utilizadas e da disposição de quem o elabora em continuar aprendendo.

(Hernández, 1998, p. 100)

Nesta conceituação de Hernández, podemos identificar alguns recursos de aprendizagem a serem utilizados na montagem do portfólio que apontam atividades como:

1. coletar amostras de trabalhos;
2. tirar fotografias;
3. consultar programas ou parâmetros curriculares;
4. entrevistar colegas e professores fazendo registros e anotações;
5. reunir os alunos para análise do portfólio;
6. realizar registros de casos;
7. promover atividades de divulgação do trabalho em sala de aula.



Esta é uma sugestão de montagem de portfólio. Entretanto, **você poderá definir suas próprias estratégias**, associando alguns desses passos entre si ou com outros de sua experiência.

Shores e Grace (2001, p. 87) apontam um processo de montagem de portfólio que possibilita uma primeira visualização das ações a serem programadas para um **portfólio de avaliação** do processo escolar.

Mas, se você já coletou, durante este curso, diferentes materiais utilizados em nossas aulas e nas demais disciplinas cursadas até hoje, alguns dos passos sugeridos já foram realizados. Assim, será possível selecionar diferentes estratégias para **mostrar sua aprendizagem** em Prática de Ensino I.

Temos como propósito utilizar seu portfólio como eixo norteador da organização do nosso trabalho pedagógico, ressaltando a especificidade de uma prática de ensino que se faz a distância.

O portfólio será utilizado para constatar o seu progresso na aprendizagem e o produto de seu trabalho na sala de aula e na escola como um todo.

Com ele, poderemos constatar:

1. a participação de seus alunos na organização e na execução de seu trabalho docente e, com isso, identificar as chances de co-responsabilidade, criatividade e livre expressão de seus alunos, frutos de sua prática docente;
2. a construção do portfólio como produto obtido com a nossa parceria.
3. seleção da temática do portfólio.

Como decorrência disso, sugerimos uma estratégia para a montagem de seu portfólio.

Essa estratégia será apresentada em cinco etapas, descritas a seguir.

1ª etapa: seleção e análise de documentos

Monte uma pasta com diferentes textos de leitura: artigos técnicos, publicações, desenhos, quadros, fotografias, reportagens, charges, histórias em quadrinhos, músicas, filmes, vídeos, poemas, letras de música.

2ª etapa: definição temática para a montagem do portfólio

Organize o material, (no mínimo três de cada tipo), separando-os por tipos de texto como:

1. textos selecionados da bibliografia do curso;
2. textos técnicos extraídos de revistas pedagógicas;
3. textos imagéticos:
 - fixos: fotos, gravuras, histórias em quadrinhos, cartões, charges, poemas, letras de música, mapas, quadros, esculturas;
 - de movimentos: vídeos, filmes, TV, CD-ROM, músicas.

3ª etapa: apresentação de uma síntese sobre os materiais utilizados.

Apresente uma síntese sobre cada material: o que é, o que aborda, sua análise crítica (contribuição para a formação acadêmica, sua integração teoria-prática, seu posicionamento pedagógico).

Nesta etapa, você poderá mostrar o exercício realizado na leitura dos diferentes textos, apresentados em múltiplas linguagens nesta disciplina.

4ª etapa: relatório final da disciplina.

Faça um relatório final da disciplina – nossa sugestão de tema:

Possibilidades e limites da Prática de Ensino I

Lembramos que o relatório deverá conter:

1. **Introdução.**
2. **Desenvolvimento** – sua análise crítica sobre a organização e metodologia da disciplina Prática de Ensino I, explicitada neste relatório de acordo com as diferentes etapas.
3. **Conclusão** – sugestões para o aprimoramento metodológico da disciplina (sugestões e recomendações).

5ª etapa: auto-avaliação

Prepare uma auto-avaliação.

Comece analisando que possibilidades e limites você vivenciou nesta disciplina?

Nesta etapa, você perceberá que o processo de montagem do portfólio proporcionou uma reflexão contínua sobre a metodologia utilizada e o relacionamento com seus alunos, levando-o a refletir sobre os momentos em que você vivenciou a ampliação do espaço escolar nas atividades de sua comunidade.

Nesta aula, pensamos em definir atividades e recursos didáticos que possibilitem o registro de sua estratégia de aprendizagem para visualização dos conhecimentos aprendidos.

Para isso, exemplificaremos esse processo de montagem do portfólio na próxima aula. Precisamos, então, que você retome o seu arquivo dos diferentes textos selecionados durante este curso.

RESUMO

Por ser esta aula extremamente prática, destacamos neste resumo idéias pontuais apresentadas:

- a valorização de diferentes instrumentos de ensino;
- o reconhecimento do conteúdo programático nas atividades que os alunos realizam cotidianamente;
- a visualização do processo em que a aprendizagem acontece, assim como da aprendizagem em processo, visualizado periodicamente;
- a percepção da sala de aula como laboratório/oficina;
- a organização do portfólio como eixo norteador do trabalho pedagógico;
- a participação de seus alunos na organização e na execução de seu trabalho docente;
- a expressão das diferentes chances em que o aluno participa de forma criativa e responsável;
- a discussão das estratégias para a montagem do portfólio.

EXERCÍCIO



A construção do portfólio é o exercício proposto nesta aula.

REFLEXÃO



“Por que o portfólio? Em primeiro lugar, por ser um procedimento de avaliação capaz de contribuir para a organização do trabalho pedagógico em que o aluno participa da tomada de decisões, fazendo escolhas e avaliando continuamente o seu desempenho. Em segundo lugar, por possibilitar ao professor acompanhar o processo de cada aluno e avaliá-lo constantemente e com segurança, por meio da análise de suas produções, reunidas de forma criativa pelo próprio estudante.”

(Villas Boas, 1998)

AGENDA DIDÁTICA

Aula 14 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Produtos e resultados da Prática de Ensino

AULA 15

objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Constatar a produtividade de sua aprendizagem profissional no trabalho realizado por seus alunos na escola onde estudam.

Pré-requisito

Você verificou que, no processo de sua aprendizagem, a montagem do portfólio é entendida como um projeto de trabalho docente. Nesta aula também é necessário que você retome os seguintes documentos:

- a agenda didática preenchida até a Aula 14 (ver guia do aluno)
- a Aula 14 para a finalização do portfólio.



INTRODUÇÃO

As atividades da Prática de Ensino despertam um novo olhar sobre a produção dos seus alunos em sala de aula.

(Janete de Oliveira Elias e Joy Costa Mattos)

Nesta “última” aula, que procuramos tornar também extremamente prática, esperamos constatar a produtividade de sua aprendizagem profissional no trabalho realizado por seus alunos. Verifique que este é o nosso objetivo de hoje.

INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DO CURRÍCULO VIVENCIADO EM SALA DE AULA

Colocando o pé na sala de aula das escolas de Ensino Básico, constatamos que muito se tem ensinado sobre a transformação didático-pedagógica necessária aos tempos de globalização, mas pouco se tem percebido a influência desse discurso sobre as ações do cotidiano.

Todas as propostas de “ensino renovado”, de “construtivismo”, de “interacionismo”, de “múltiplas linguagens” criam uma **aproximação mágica** entre professor e aluno, teoria e prática, ação e reflexão, ensino e aprendizagem. Mas para que essa mágica não se desfaça na escola, na aula, na família e no dia-a-dia, é preciso o seu **desejo de mudar**, a confiança em sua própria prática e a contribuição de seus colegas e, principalmente, dos alunos.

Mas como apresentar a sua produção e os resultados que você obteve cursando essa disciplina?

Para facilitar, criamos um **contexto** de inúmeras atividades realizadas por você e que resultam da produção conjunta de três diferentes atores: seus alunos, você, professor cursista e nós, suas professoras. Vamos, então, conhecer melhor o processo que desencadeou a **construção** do portfólio e que servirá para **avaliar o seu sucesso** na Prática de Ensino.

Nessa perspectiva, podemos destacar alguns questionamentos que servirão para indicar a **seleção** dos textos/ trabalhos/materiais a serem apresentados e que merecem um **olhar reflexivo** sobre sua própria prática.

Mas o que é essencial nesse **trabalho de seleção**?

1. que você tome como **critério** o processo de aprendizagem dos alunos e não somente o resultado apresentado em um texto, uma prova, um exercício;
2. que a sua **proposta como professor** permita o acompanhamento individual de todos os alunos;
3. que as necessidades e formas de aprender se diferenciem pelas **histórias de vida**.

Esses podem ser alguns dos fatores que desencadeiam as mudanças desejadas permitindo analisá-las a partir das diferentes situações que você vem registrando em sua agenda didática.

Sabemos ser necessário que se instaure na escola uma cultura de **organização coletiva** do conhecimento, que envolva ativamente não só os educandos mas também os educadores, os pais, os funcionários administrativos e o entorno escolar (Périssé, 2003, p. 21).

Essa organização, na verdade, é uma transformação na maneira como os educadores percebem a educação e como tratam os educandos no desenvolvimento do **trabalho docente**. Esta é uma transformação que não se faz da noite para o dia e muito menos por imposição. Ela propõe:

- aprender o **como e o porquê** de trabalhar diferentes tipos de linguagens expressas nos contextos familiares, didáticos e culturais.
- identificar as dificuldades dos alunos e tentar conhecê-los no seu **processo de leitura e escrita** para a:
 - diversificação da prática pedagógica;
 - reflexão sobre os textos apresentados pelos alunos;
 - articulação da rotina pedagógica com a vida fora da escola.
- considerar a importância de suas intervenções como **facilitadoras da aprendizagem**, considerando:
 - a história de vida dos alunos retratada nos projetos culturais da sociedade contemporânea;
 - atividades práticas que levem ao exercício da cidadania.

Para que essa **ação docente** seja evidenciada de forma prática, você deve usar diferentes tipos de linguagem de expressão do pensamento. É o que veremos a seguir.

Textos bibliográficos

É importante selecioná-los porque mostram a **consistência teórica** traduzida pelos diferentes autores, que são encontrados nas referências bibliográficas do Curso.

Textos técnicos

Esses textos tornam-se fundamentais para a sua **atualização pedagógica** por serem a expressão das mais recentes inovações no campo didático, publicados nas revistas pedagógicas e nos anais de congressos.



No livro *Leitura e imagem: leituras cruzadas*, de Ivete Camargo Walty, você encontra caminhos para trabalhar textos imagéticos com seus alunos. Vale a pena conferir!

Textos imagéticos

Aqui entendidos como aqueles nos quais a percepção, a interpretação e a **visualização** extrapolam as palavras, por conectarem o real com o imaginário, tal como acontece na vida, principalmente na linguagem promocional – propaganda e marketing.

Textos para reflexão

Representam uma **chamada filosófica**, normalmente apelativa ou de auto-ajuda, quando fogem às temáticas consideradas reflexivas na linguagem científica. Veja a seguinte reflexão que finaliza nosso encontro.

Daquilo que sabes conhecer e medir, é preciso que te despeças, pelo menos por um tempo. Somente depois de teres deixado a cidade, verás a que alturas suas torres se elevam acima das casas.

Nietzsche

ATIVIDADE

Agora, a esta altura do nosso trabalho, você já pode apresentar uma **síntese** sobre cada material selecionado e incluí-lo na montagem de seu portfólio para a avaliação.

Assim, em cada **página montada** desse trabalho, estamos certas de que você saberá dar um título, fazer uma análise crítica, posicionar-se academicamente, identificando a contribuição pedagógica de cada texto selecionado.

Concluindo, o **relatório final** deverá mostrar as **mudanças pontuais ocorridas** na sua ação pedagógica. Estas estão explicitadas e relacionadas a seguir num quadro comparativo dos paradigmas de ensino que o ajudará a evidenciar seu processo de mudança.

Veja **no quadro** a seguir como você se posiciona em relação aos **paradigmas tradicionais ou inovadores**.

Quadro comparativo de paradigma de ensino: um ensaio preliminar

ENSINO COMO REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	ENSINO COMO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
Enfoca o conhecimento “sem raízes” e o dá como pronto, acabado, inquestionável;	Enfoca o conhecimento com base na localização histórica de sua produção e o entende como provisório e relativo;
Valoriza o imobilismo e a disciplina intelectual tomada como reprodução de palavras, textos e experiências do professor e do livro;	Valoriza a ação reflexiva e a disciplina tomada como a capacidade de estudar, refletir e sistematizar o conhecimento;
Privilegia a memória e a repetição do conhecimento socialmente acumulado;	Privilegia a intervenção no conhecimento socialmente acumulado;
Usa a síntese já elaborada para melhor passar informações aos estudantes, muitas vezes reproduzidas de outras fontes;	Estimula a análise, a capacidade do compor e recompor dados, informações, argumentos e idéias;
Valoriza a precisão, a “segurança”, a certeza e o não-questionamento;	Valoriza a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação e a incerteza, características do sujeito cognoscente;
Premia o pensamento convergente, a resposta única e “verdadeira” e o sentimento de certeza;	Valoriza o pensamento divergente, parte da inquietação e/ou provoca incerteza;
Concebe a disciplina curricular como espaço próprio do domínio do conteúdo e, em geral, dá a cada uma o <i>status</i> de mais significativa do currículo acadêmico;	Concebe a pesquisa como atividade inerente ao ser humano, um modo de apreender o mundo, acessível a todos e a qualquer nível de ensino, guardadas as devidas proporções;
Valoriza a quantidade de espaços de aula que ocupa para poder “ter a matéria dada” em toda a sua extensão;	Valoriza a qualidade dos encontros com os alunos e deixa a estes tempo disponível para o estudo sistemático e a investigação orientada;
Concebe a pesquisa como atividade exclusiva de iniciados, em que o aparato metodológico e os instrumentos de certezas se sobrepõem à capacidade intelectual de trabalhar com a dúvida;	Concebe a pesquisa como atividade inerente ao ser humano, um modo de apreender o mundo, acessível a todos e a qualquer nível de ensino, guardadas as devidas proporções;
Incompatibiliza o ensino com a pesquisa e com a extensão, dicotomizando o processo de aprender;	Entende a pesquisa como um instrumento de ensino e a extensão como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade;
Requer um professor “erudito” que pensa deter com segurança os conteúdos de sua matéria de ensino;	Requer um professor inteligente e responsável, capaz de estimular a dúvida e orientar o estudo para a emancipação;
Coloca o professor como principal fonte da informação que, pela palavra, repassa ao estudante o estoque que acumulou.	Entende o professor como mediador entre o conhecimento, a cultura e a condição de aprendiz do estudante.

(Veiga, 2002, p. 120)

Finalizando, deixamos para você alguns testemunhos de alunos que trabalharam com portfólio, constatando, através dos resultados, que realmente “valeu a pena”:

Hoje, com o trabalho concluído, percebo que as respostas foram encontradas, pois as discussões geradas ajudaram o grupo a questionar a necessidade de executar alguns trabalhos e de desenvolver novas dinâmicas. Desta vez nós fizemos diferente, de forma criativa, crítica e participativa. Nós fomos sujeitos do produto.

(Miriam Cardoso. Curso de Pedagogia, Instituto Isabel, 1999. Depoimentos retirados dos portfólios realizados pelos alunos dos professores conteudistas desta disciplina – Prática de Ensino I)

Portfólio (...) possibilita uma interação maior entre o aluno e o educador (...) oferece oportunidade de reflexão sobre a construção da aprendizagem e do auto-conhecimento.

(Oliveira, 2002)

RESUMO

Como na aula anterior, esta também se propôs a ajudá-lo na estruturação de suas atividades pedagógicas, na organização de seu portfólio, entendido como um projeto de trabalho docente.

Assim, destacamos, também nesta aula, idéias pontuais que julgamos facilitadoras para a verificação de sua aprendizagem:

- a importância do **discurso** sobre as ações do cotidiano;
- o entendimento nas propostas de **aproximação mágica** entre o professor e aluno, teoria e prática, ação e reflexão, ensino e aprendizagem;
- a verificação de sua **produtividade docente** refletida nas atividades realizadas por seus alunos;
- a indicação de **como e por que selecionar** textos/trabalhos/materiais gráficos apresentados para sua posterior reflexão e utilização no portfólio;
- a agenda didática como **instrumento de registro** das mudanças alcançadas em diferentes situações vivenciadas em seu currículo escolar.
- aprender como e porque trabalhar com **diferentes textos** em diversas formas de linguagem;
- a compreensão das diferentes **inter-relações pessoais** e sua importância no cenário pedagógico;

o ensino como **produção de conhecimento** verificado no quadro comparativo de paradigmas de ensino.

EXERCÍCIOS



Conclusão do portfólio:

4ª etapa – relatório;

5ª etapa – auto-avaliação.

REFLEXÃO



Sobre o portfólio:

Os estudantes devem ser levados a perceber a importância de pensar e esquematizar cada etapa do portfólio, fazendo com que eles verifiquem como “aprenderam a aprender”, dominando as técnicas que os levaram à busca do conhecimento.

É a partir da organização do trabalho da escola e de suas relações com a sociedade na qual está inserida que se fundamentam as estratégias do portfólio.

AGENDA DIDÁTICA

Aula 15 – TEMÁTICA _____

PREVISÃO				EXECUÇÃO	AVALIAÇÃO	
Ord	Data	CH Início	CH Fim	Atividades desenvolvidas	Mudanças na Prática de Ensino	CH Utilz

Observação e análise:

Data _____

Assinatura do Tutor _____

Prática de Ensino 1

Referências

Aula 1

São João de Meriti. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta de Ação Político-Pedagógica: SEMEAR*. Rio de Janeiro: Grafiline, 1998.

Centro de Pesquisas para a Educação e Cultura. *Raízes e asas*. v.6: Como ensinar: um desafio. São Paulo: CENPEC, 1994. 24 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES Danilo. *Dicionário básico de filosofia*.

3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

Aula 2

ALVES, Rubem Azevedo. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1995.

São João de Meriti. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta de ação político-pedagógica: SEMEAR*. Rio de Janeiro: Grafiline, 1998.

Aula 3

ALARCÃO, Isabel. *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PENA VEGA, A e Almeida, E. *O pensamento complexo: Edgar Morin*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

Aula 4

CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Ana Maria Pessoa de. *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

CARVALHO, Marília Pinto de. Ensino, uma atividade relacional. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 11, maio-ago. 1999.

DAUSTER, Tânia. Representações Sociais e Educação. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GOÉS, Maria Cecília R. (org.). *A significação dos espaços educacionais: interação social e subjetividades*. São Paulo: Papirus, 1997.

CORAZZA, Sandra Mara. Na diversidade cultural, uma docência artística. *Pátio: Revista Pedagógica*, São Paulo, n 17, p. 28-30, maio-jul. 2001.

Centro de Pesquisas para a Educação e Cultura. *Raízes e asas*. v.1: A escola e sua função social. São Paulo: CENPEC, 1994. 36 p.

São João de Meriti. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta de Ação Político-Pedagógica: SEMEAR*. Rio de Janeiro: Grafile, 1998.

LINHARES, Célia Frazão. Múltiplos sujeitos da educação: a produção de sujeitos e subjetividade de professores e estudantes. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GÓES, Maria Célia Rafael; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (orgs). *A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

LINHARES, Célia Frazão. Múltiplos sujeitos da educação: a produção de sujeitos e subjetividade de professores e estudantes. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

Aula 7

CANDAU, Vera Maria (org). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Centro de Pesquisas para a Educação e Cultura. *Raízes e asas*. v.7: A sala de aula. São Paulo: CENPEC, 1994. 28 p.

Centro de Pesquisas para a Educação e Cultura. *Raízes e asas*. v.8: Avaliação e aprendizagem. São Paulo: CENPEC, 1994. 24 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Aula 8

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MARTINS, P. L. O. *Didática teórica e didática prática: para além do confronto*. São Paulo: Loyola, 1989.

FREITAS, L.C. de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1995.

FREITAS, M. T. A. *Narrativas de professores: leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica*. Rio de Janeiro: Ravil, 1988.

Aula 9

AXT, Margarete; MARASSCHIN, Cleci. *Prática pedagógica pensada na indissociabilidade conhecimento-subjetividade*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, n. 1., p.56-80. jan/jun, 1997.

HOFFMAN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 1995

HAYDT, R.C. *Avaliação do processo ensino aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2000.

BARRETO, Raquel Goulart (org.). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2001 .

CHAVES, Eduardo O C. Filosofia da educação: um encontro possível entre o professor e a tecnologia. *Educação: Revista da Associação Brasileira de Educação (ABE)*, Rio de Janeiro, Ano 32 , n.102 , p.32-34 , 2000.

DELORS, Jaques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

KENSKI, Vani M. Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais. *In: BARRETO, Raquel Goulart (org.). Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2001.

MORAN, José Manuel. et al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papirus, 2000.

GENTILI, Pablo; FRIGOTO, Gaudêncio (org.). *A cidadania negada*. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Escola Viva, Escola Projetada*. Campinas: Papirus, 1995.

SPINK, Mary Jane Paris (org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAN, J. M. et al. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papirus, 2000.

Aula 12

FREITAG, Bárbara, MOTTA, Rodrigues Valeria, COSTA, Wanderley, Ferreira da. *O livro didático em questão*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MORAES, M. C. *O Paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997.

MORAES, Regis de (org.). *A sala de aula: que espaço é esse?* 3.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

RAMAL, Andréa Cecília. A escola na era da cibercultura. *Nós da Escola*, Rio de Janeiro, Ano 2, n. 13, 2003.

SILVA, Marcos. Reinventar a sala de aula na cibercultura. *Pátio: Revista Pedagógica*, Porto Alegre, Ano 7, n. 26. maio/jul. 2003.

SILVA, Renata Guimarães. Professores na era da Informatização, 2003. 63f. Monografia (Conclusão do curso de Pedagogia) - Universidade do Rio de Janeiro, 2003.

WALTY, Ivete Lara Camargos, FONSECA, Maria Nazareth Sares, CURY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte : Autêntica, 2002.

Aula 13

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fund. EdUSP, 1998.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In. NEVES, Iara Conceição Bittencourt. (org.). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universitária da UFRGS, 2000.

MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís; MARCONDES, Beatriz. *Como usar outras linguagens na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2000.

MORIN, José Manoel. *Como ver televisão?* leitura crítica dos meios de comunicação de massa. São Paulo: Paulinas, 1991.

POCHO, Claudia Lopes. et al. *Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Ana Paula. *A mídia do livro*. Maceió: EDUFAL, 2002.

HERNANDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SHORES, Elizabeth F.; GRACE, Cathy. *Manual de portfólio: um guia passo a passo para professores*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FORTUNATO, Márcia Vescosi. A sala de aula: um laboratório. *Pátio: Revista Pedagógica*. Ano 5, n. 17, maio-jul., 2001.

PERNIGOTTI, J. M. et al. O portfólio pode muito mais do que uma prova. *Pátio: Revista Pedagógica*. Ano 3, n. 12, fev.-abr., 2000.

OLIVEIRA, Vânia Maria. Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. *In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 11., Goiânia, 2002. Anais... Goiânia, 2002.

GARFINKEL, Miriam e ALVES, Magda Anachoreta. Curso de Pós-Graduação: o uso do portfólio como estratégia de avaliação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 11., Goiânia, 2002. Anais... Goiânia, 2002.

VILLAS BOAS, Benigma Maria de Freitas. Contribuições do Porta-Fólio para a organização do trabalho pedagógico. Anais do X Endipe. Rio de Janeiro, 2000.

CUNHA, M. I. da. Relação Ensino e Pesquisa. *In: VEGA, I. P. A. (org.). Didática: ensino e suas relações*. Campinas: Papyrus, 1996.

OLIVEIRA, V.M. de. Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. *In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 11., Goiânia, 2002. Anais... Goiânia, 2002.

PÉRISSÉ, Paulo. A democratização do ato de conhecer. *Pátio: Revista Pedagógica*. Ano 6, nº 24, NOV/2002/JAN/2003.

WALTY, Ivete Lara Camargos. et al. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ISBN 85-89200-62-0



9 788589 120062



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense

uff



UNIRIO



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério
da Educação



BRASL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL